



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
*Secretaria do Planejamento
e Gestão*

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense

4º Trimestre de 2014



Fortaleza – Ceará
Abril de 2015

IPECE INSTITUTO
DE PESQUISA
E ESTRATÉGIA
ECONÔMICA
DO CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Camilo Santana – Governador

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho – Vice-Governadora

SECRETARIO DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Hugo Figueiredo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Flávio Ataliba Flexa Daltro Barreto – Diretor Geral

Adriano Sarquis – Diretor de Estudos Econômicos

IPECE Conjuntura – 4º Trimestre – out.-dez. de 2014

Equipe Técnica

Adriano Sarquis (Coordenação Geral)

Daniel Suliano (Coordenação Técnica)

Alexsandre Lira Cavalcante

Ana Cristina Lima Maia Souza

Cleyber N. de Medeiros

Gabriel Figueiredo

Jéssica Santos

Maurício Cabrera

Nicolino Trompieri Neto

Paulo Pontes

Witalo de Lima Paiva

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão

Disponibilizar informações geosocioeconômicas, elaborar estratégias e propor políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Valores

Ética e transparência; Rigor científico; Competência profissional; Cooperação interinstitucional e Compromisso com a sociedade.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº - Edifício SEPLAG, 2º Andar

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora – Cambéba

Tel. (85) 3101-3496

CEP: 60830-120 – Fortaleza-CE.

ouvidoria@ipece.ce.gov.br

www.ipece.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) publica o IPECE CONJUNTURA – Boletim da Conjuntura Econômica cearense, referente aos resultados do 4º trimestre de 2014.

Neste documento, são feitas análises do cenário econômico internacional e nacional, os quais serviram de parâmetros para o desempenho da atividade econômica estadual.

O Boletim contempla uma série de seções envolvendo indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense, com destaque para o comportamento setorial da agropecuária, indústria e serviços além do mercado de trabalho, comércio exterior e finanças públicas.

Paralelo à análise da conjuntura, a última seção reserva um espaço para reflexão sobre temas de interesse da sociedade. Este número traz um artigo onde se discute as mudanças no padrão demográfico estadual dentro do contexto brasileiro.

O Boletim IPECE CONJUNTURA procura atender a demanda do setor público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

1. PANORAMA INTERNACIONAL, 5

2. EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA, 7

3. ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO, 11

4. ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL, 12

4.1. Agropecuária, 12

4.2. Indústria, 16

4.3. Serviços, 24

4.3.1. Pesquisa Mensal dos Serviços, 24

4.3.2. Comércio Varejista, 26

5. MERCADO DE TRABALHO, 32

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza, 32

5.2. Emprego Formal, 33

6. COMÉRCIO EXTERIOR, 37

7. FINANÇAS PÚBLICAS, 45

7.1 Resultado Fiscal, 45

7.2 Receitas, 45

7.3 Despesas, 48

7.4 Dívida, 50

8. CONSIDERAÇÕES GERAIS, 51

9. ARTIGO DE OPINIÃO, 54

Mudanças no Perfil Etário da População Cearense e Possíveis Impactos na Força de Trabalho, 54

IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). – Fortaleza, CEARÁ.
ISSN 2357-7789

Economia Brasileira. Economia Cearense. Indústria.
Mercado de Trabalho. Finanças Públicas.

Fortaleza – Ceará

SUMÁRIO EXECUTIVO

- De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o crescimento econômico mundial foi de 3,3% em 2014, influenciado, principalmente, pelo desempenho da economia americana, cuja expansão foi de 2,4%. A recuperação de alguns países europeus também contribuiu positivamente para o resultado econômico global, a destacar Alemanha e Espanha, bem como as economias asiáticas, como a Coreia, Índia e China, embora esse último País venha apresentando um ritmo de desaceleração em sua economia.
- A economia brasileira registrou uma leve alta em 2014 (0,1%), o que acabou se configurando em um cenário de estagnação. De fato, este é o mais baixo resultado para a economia nacional desde a crise internacional de 2009, quando a economia havia recuado 0,2%. No quarto trimestre do ano, o crescimento foi de 0,3%, puxado pelo setor agropecuário, que cresceu 1,8%.
- No quarto trimestre de 2014, com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 2,70%, sendo a décima nona taxa trimestral consecutiva superior à da economia brasileira. Para o ano de 2014 o Ceará registrou um crescimento de 4,36%.
- A agropecuária cearense no ano de 2014 obteve ganhos e perdas, comportamento esse muito relacionado ao período de estiagem que vem ocorrendo em todo o Nordeste. Assim, a vantagem do período de chuva de 2014 sobre 2013 está relacionada a uma melhora da distribuição temporal, favorecendo assim a produção de algumas culturas temporárias desenvolvidas no Ceará.
- A indústria de transformação cearense voltou a apresentar resultados negativos no quarto trimestre de 2014 fechando com uma redução de 5,4% na produção quando comparada ao mesmo período de 2013, de acordo com o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. O resultado intensificou a queda já observada nos períodos anteriores e se constituiu no terceiro período seguido de retração neste tipo de comparação. Os meses de outubro a novembro de 2014 apresentaram o pior desempenho dos últimos dois anos, ficando abaixo dos resultados negativos de 2012.
- O resultado registrado no setor de serviços cearense no ano de 2014 mostrou um crescimento de 8,0%, inferior ao obtido no mesmo período do ano anterior (expansão de 13,0%). Por outro lado, o desempenho estadual foi superior ao registrado pelo país (6,0%), e superior ao observado nas principais economias do Nordeste, Bahia (7,0%) e Pernambuco (3,9%).

- No varejo comum, os resultados do terceiro e quarto trimestres de 2014 das taxas de crescimento observadas ficaram abaixo daquelas registradas em igual período de 2013 confirmando, dessa forma, uma desaceleração no ritmo de vendas no varejo local. Todavia, não foi observada no varejo ampliado nenhuma queda trimestral ao longo do ano de 2014. Talvez o desempenho no varejo ampliado possa ser explicado, em parte, pela base de comparação negativa e por uma nítida recuperação nas vendas do setor de Materiais de construção.
- A queda da renda real por conta da alta inflacionária e o menor nível de atividade econômica tem provocado uma dinâmica particular no mercado de trabalho tanto no país como no Ceará. De fato, em dezembro de 2013, a taxa de participação na RMF era de 56,8% da população acima de 10 anos, aumentando esse índice para 58,2% até dezembro de 2014, o que revela aumento do total de pessoas ocupadas e em busca de emprego.
- No mercado formal, a economia cearense registrou um saldo positivo de 12.403 novos empregos com carteira assinada no quarto trimestre de 2014. Esse número foi metade do registrado no terceiro trimestre do mesmo ano e também inferior à criação de novos empregos no quarto trimestre de 2013, quando foram gerados 16.797 novos postos de trabalho com carteira assinada.
- O saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 1,53 bilhão em 2014, mantendo a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Adicionalmente, com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2014 com o valor de US\$ 4,47 bilhões, com retração de 5,28% frente ao ano de 2013.
- A queda das receitas orçamentárias observada no último trimestre de 2014 sinaliza para maiores restrições orçamentárias que o Estado deverá enfrentar no ano de 2015, cujas expectativas iniciais apontam para queda de receitas na arrecadação federal que, por consequência, deverão afetar os repasses do FPE para os estados.

1 PANORAMA INTERNACIONAL

O crescimento da economia mundial em 2014 mostrou-se tímido diante do esperado pelas instituições que projetam essa variável. Conforme o Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de janeiro de 2015, o crescimento econômico mundial foi de 3,3% em 2014, influenciado, principalmente, pelo desempenho da economia americana, cuja estimativa de crescimento era de 2,4%. A recuperação de alguns países europeus também contribuiu positivamente para o resultado econômico global, a destacar Alemanha e Espanha, bem como as economias asiáticas, como a Coreia, Índia e China, apesar deste último vir apresentando um ritmo de desaceleração em sua economia.

Com relação à economia dos Estados Unidos, observou-se um comportamento abaixo do esperado no primeiro semestre do ano, mas no segundo semestre a economia registrou um melhor desempenho em virtude dos resultados da política de recuperação econômica do país, com taxas de juros mínimas, incentivos aos investimentos, maior demanda e geração de emprego, encerrando o ano de 2014 com o menor nível de desemprego dos últimos seis anos.

Quanto aos países da Zona do Euro, suas economias em 2014 também ficaram abaixo do esperado no início do ano. Mesmo com as políticas de estímulo à demanda e com taxas de juros em valores mínimos, a economia dos países da Europa responderam com cautela aos incentivos, encerrando o ano de 2014 com uma expectativa de crescimento de menos de 1%, conforme dados do FMI.

Outro desalento foi a economia do Japão, que em 2014 apresentou crescimento praticamente nulo, em decorrência principalmente do insucesso da política de combate à deflação, adotada pelo país, como o aumento dos impostos, que implicou em redução da demanda. Também experimentaram desaceleração econômica a China, a Rússia, com a queda de preço internacional do petróleo e os conflitos com a Ucrânia, e o Brasil, por conta da crise econômica e política que o país vem enfrentando.

Quanto às estimativas para o crescimento econômico no 4º trimestre de 2014, segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a economia dos Estados Unidos deverá registrar uma taxa de expansão de 2,37%, comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Com relação ao Japão, as perspectivas são de queda de 0,69%

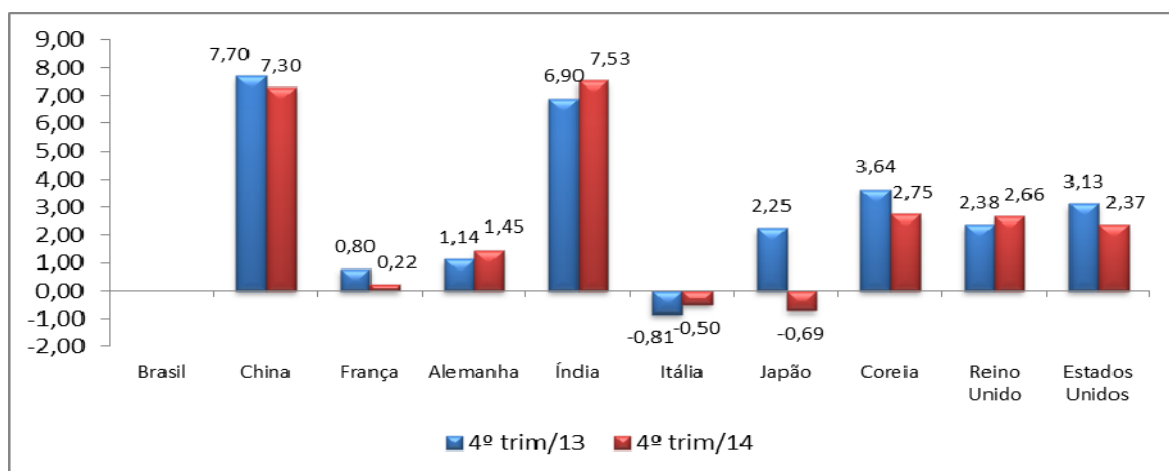
na economia no quarto trimestre de 2014, quando comparada ao mesmo período do ano anterior.

Quanto aos países da Zona do Euro, notou-se uma lenta recuperação econômica, embora alguns países tenham mostrado melhor resultado no quarto trimestre de 2014, comparado ao mesmo período do ano de 2013, como foi o caso da Alemanha. Com relação à economia da Itália, esta ainda enfrenta recessão, com queda na economia de 0,50% no quarto trimestre de 2014.

As taxas de expansão do PIB, no quarto trimestre de 2014, dos países em desenvolvimento também foram inferiores às registradas no mesmo período de 2013, à exceção da Índia que obteve melhor resultado, com taxa de 7,53% no quarto trimestre, segundo a OECD. A China registrou crescimento de 7,3%, enquanto o Brasil apresentou queda de 0,2%.

Esses resultados refletem as dificuldades encontradas pelos países dentro de suas próprias conjunturas econômicas no ano de 2014, causando também efeitos negativos para o desempenho da economia mundial como um todo, cujo desempenho foi pouco favorável no ano de 2014.

Tabela 1.1: Taxa (%) de Crescimento Real da economia - 4º trimestre de 2014 em relação ao mesmo trimestre de 2013



Fonte: OECD. Elaboração IPECE.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

No quarto trimestre de 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos líquidos dos subsídios, registrou uma queda de 0,2% em relação ao quarto trimestre de 2013 (Tabela 2.1). Para o ano de 2014, o PIB apresentou um leve crescimento de 0,1%.

Tabela 2.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Brasil - 2014 (*)

Setores e Atividades	1º Trim (**)	2º Trim (**)	3º Trim (**)	4º Trim (**)	2014
Agropecuária	3,4	-1,5	-1,4	1,2	0,4
Indústria	3,0	-3,6	-1,9	-1,9	-1,2
Extrativa Mineral	6,1	7,6	11,1	9,7	8,7
Transformação	1,0	-6,3	-4,0	-5,4	-3,8
Construção Civil	3,5	-5,6	-5,3	-2,3	-2,6
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	7,2	-4,7	-6,5	-5,9	-2,6
Serviços	2,4	-0,2	0,3	0,4	0,7
Comércio	2,5	-3,6	-2,8	-2,9	-1,8
Transportes	6,9	-0,5	1,4	0,8	2,0
Intermediação Financeira	2,7	-0,6	-1,6	1,9	0,4
Administração Pública	1,2	0,5	0,3	-0,1	0,5
Outros Serviços	0,3	-1,2	0,3	1,1	0,1
VA a preços básicos	2,7	-1,1	-0,4	-0,2	0,2
PIB pm	2,7	-1,2	-0,6	-0,2	0,1

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Dentre as atividades econômicas, a Agropecuária teve expansão de 1,2%, enquanto a Indústria apresentou queda de 1,9% e o setor de Serviços cresceu 0,4%, no quarto trimestre de 2014 em comparação com o mesmo período de 2013. Nesse contexto, a indústria de transformação foi o destaque negativo, com retração de 5,4%. A construção civil e a eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana apresentaram redução no volume do valor adicionado (-2,3% e -5,9%, respectivamente). Já a extrativa mineral cresceu 9,7% em relação ao quarto trimestre de 2013.

No setor de Serviços, apresentaram resultados positivos, as atividades de intermediação financeira e seguros (1,9%), outros serviços (1,1%) e transporte, armazenagem e correio (0,8%). Já no comércio (atacadista e varejista), houve queda de 2,9%. A atividade de administração, saúde e educação pública manteve-se praticamente estável, com variação de -0,1%.

Para o ano de 2014, em comparação com 2013, os valores agregados das três atividades que compõem o PIB apresentaram os seguintes resultados: Agropecuária (0,4%), Indústria (-1,2%) e Serviços (0,7%).

A variação em volume do valor adicionado da Agropecuária (0,4%) decorreu do desempenho de várias culturas importantes, que registraram crescimento de produção, como a soja (5,8%) e a mandioca (8,8%), apesar da perda de produtividade. Vale ressaltar também que algumas culturas tiveram variação negativa na estimativa de produção anual, como, por exemplo, cana-de-açúcar (-6,7%), milho (-2,2%), café (-7,3%) e laranja (-8,8%).

Na Indústria, destacou-se o crescimento da extrativa mineral, que avançou 8,7% no ano, influenciado tanto pelo aumento da extração de petróleo e gás natural quanto pelo crescimento da extração de minérios ferrosos. Já a construção civil e eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana caíram 2,6%. O desempenho desta última foi influenciado pelo maior uso das termelétricas, sobretudo a partir do segundo trimestre do ano.

A indústria de transformação teve queda de 3,8%, influenciada pela redução do valor adicionado da indústria automotiva (incluindo peças e acessórios) e da fabricação de máquinas e equipamentos, aparelhos elétricos e produtos de metal. Esse resultado foi parcialmente contrabalançado pelo crescimento de outras atividades, com destaque para a indústria farmacêutica, a fabricação de produtos de limpeza e perfumaria e a fabricação de bebidas.

Dentre as atividades que compõem os Serviços, o comércio registrou uma queda de 1,8%. Os demais serviços acumularam crescimento no ano de 2014, com destaque para serviços de informação (4,6%), atividades imobiliárias (3,3%) e transporte, armazenagem e correio (2,0%). O setor de Administração, saúde e educação pública cresceu 0,5%, seguido por intermediação financeira e seguros (0,4%) e outros serviços (0,1%).

Tabela 2.2: Taxa de crescimento do PIB Trimestral - Brasil (%)

Com Ajuste Sazonal						
Descrição	4º Trim. (2013)	1º Trim. (2014)	2º Trim. (2014)	3º Trim. (2014)	4º Trim. (2014)	
PIB a preços de mercado	0,1	0,6	-1,4	0,2	0,3	
Ótica da oferta	Agropecuária	-0,8	4,5	-2,7	-2,0	1,8
	Indústria	-0,2	1,3	-4,1	1,2	-0,1
	Serviços	0,2	0,2	-0,8	0,7	0,3
Ótica da Demanda	Consumo das famílias	-0,1	0,3	-0,5	0,4	1,1
	Consumo do governo	1,2	-1,4	0,9	0,9	-0,6
	Formação bruta de capital fixo (FBKF)	-0,9	-0,5	-4,5	-0,5	-0,4
	Exportações	3,7	-1,7	1,4	1,4	-12,3
	Importações (-)	0,2	2,7	-3,7	2,5	-5,5

Fonte: IBGE, Contas Nacionais. Elaboração IPECE.

Na Tabela 2.2, acima, os resultados da taxa de crescimento do PIB trimestral nacional com ajuste sazonal (crescimento com relação ao trimestre imediatamente anterior) são apresentados por duas óticas: da oferta – agropecuária, indústria e serviços – e demanda – consumo, investimento e setor externo.

A taxa de crescimento do PIB nacional a preços de mercado, no quarto trimestre de 2014, apresentou crescimento de 0,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior. É uma leve alta quando se compara com o crescimento do trimestre anterior, de 0,2%.

Na ótica dos grandes setores, o setor agropecuário foi o destaque com expansão de 1,8%, apresentando recuperação diante da queda de 2% registrada no terceiro trimestre. Vale ressaltar que, mesmo com um crescimento levemente inferior ao de 2013, o setor contribuiu para evitar uma queda na atividade econômica nacional em 2014.

Além do setor agropecuário, os serviços registraram leve crescimento (0,3%) no último trimestre do ano, desempenho inferior ao registrado no penúltimo trimestre, o que revela uma clara tendência de desaceleração do setor no ano.

A indústria voltou novamente a registrar queda de 0,1% no quarto trimestre de 2014. O setor vem registrando, ao longo dos trimestres, sucessivas quedas. Em termos macroeconômicos, a alta inflacionária e as pressões de custo por conta dos salários elevados sem acompanhamento do aumento de produtividade têm prejudicado o grau de expectativas empresariais quanto à capacidade de venda futura. Com isso, a baixa demanda tende a arrefecer a produção, elevar a capacidade ociosa e a causar demissões no setor nos próximos meses.

Ao analisar os componentes da demanda tem-se que o consumo avançou 1,1% no trimestre, o maior valor dentre todos eles. Esse aumento, contudo, é bem distinto do ritmo observado em períodos anteriores, caracterizado por expansões elevadas. O aumento das taxas de juros, que vem afetando diretamente o custo do crédito, juntamente com a tendência de inflação elevada, são fatores que comprometem o poder de compra das famílias, explicando, portanto, esse comportamento. Vale destacar que os serviços em geral, alimentos e os segmentos com preços administrados são os principais setores que têm contribuído para a alta inflacionária.

Já o consumo do governo contraiu 0,6% no quarto trimestre de 2014, o que não foi suficiente para contrabalançar a política fiscal expansionista vigente nos últimos anos.

Os investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) recuaram 0,4% no quarto trimestre, o que reflete a baixa confiança do empresariado nacional. Além disso, o resultado do terceiro trimestre revelou um recuo de 0,5% dessa variável, refletindo, portanto, o estado de estagnação no qual se encontra a economia brasileira. Sem dúvida, a melhora das expectativas ante o cenário futuro passa pelo restabelecimento do crescimento dos investimentos.

No setor externo, tanto as exportações como as importações recuaram nesse quarto trimestre com valores de, respectivamente, 12,3% e 5,5%. Mesmo com a redução do ritmo de atividade interna, que influenciou no recuo das importações, por conta da menor demanda interna por insumos industriais e consumo, o recuo das exportações foi quase duas vezes maior que as importações, consolidando o saldo negativo na balança comercial brasileira em 2014.

Balanço de Pagamentos

O ano de 2014 registrou tendência persistente do *déficit* em transações correntes do país. Enquanto no ano de 2013 o *déficit* registrado foi de US\$ 81,1 bilhões, em 2014 evoluiu para a

surpreendente marca de US\$ 90,9 bilhões ou 4,2% do PIB. O alento é que o Investimento Estrangeiro Direto (IED) seguiu certo patamar de estabilidade, propiciando o financiamento de parte do buraco das contas externas.

A queda do preço da *commodity* minério de ferro esteve associada a uma redução no ritmo da demanda chinesa pelo produto, fato que contribuiu para uma baixa no saldo das exportações nacionais. Mesmo com os baixos investimentos privados e o consumo interno sem fôlego, a queda das importações não foi suficiente para um saldo mais favorável na balança comercial. A desvalorização do câmbio nos primeiros meses de 2015 pode vir ao longo do ano arrefecer esse *déficit*, não obstante a dependência do país por capitais de curto prazo.

3 ECONOMIA CEARENSE E PRODUTO INTERNO BRUTO

A economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 2,70% no quarto trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, sendo a décima nona taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Com esse resultado, o PIB cearense registra um crescimento de 4,36% em 2014. (Tabela 3.1).

Tabela 3.1: Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades - Ceará - 2014 (*)

Setores e Atividades	1º Trim (**)	2º Trim (**)	3º Trim (**)	4º Trim (**)	2014
Agropecuária	41,80	52,60	51,22	37,22	65,07
Indústria	1,70	-4,20	-0,73	-1,89	-1,87
Extrativa Mineral	-19,87	-18,77	-2,16	6,43	-11,78
Transformação	0,85	-5,04	-2,16	-5,21	-3,25
Construção Civil	3,43	-5,47	-2,90	0,60	-2,55
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	4,87	1,10	4,92	2,29	2,99
Serviços	4,00	3,00	4,51	2,80	3,59
Comércio	8,13	5,24	4,11	2,53	3,83
Alojamento e Alimentação	10,48	9,43	5,80	7,67	6,90
Transportes	5,40	1,92	11,60	12,50	7,98
Intermediação Financeira	3,77	3,49	7,33	3,08	6,25
Administração Pública	1,46	1,36	1,87	1,27	1,29
Outros Serviços	3,02	2,75	5,42	2,55	4,77
VA a preços básicos	3,91	3,08	5,65	2,66	4,42
PIB pm	3,93	3,04	5,61	2,70	4,36

Fonte: IPECE e IBGE.

(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;

(**) Em comparação a igual período do ano anterior.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, a Agropecuária apresentou, no quarto trimestre de 2014, em comparação com o mesmo período de 2013, um crescimento de 37,22%. Para o mesmo período de análise, a Indústria apresentou queda de 1,89%, enquanto que o setor de serviços cresceu 2,80%. Para o ano de 2014, o setor que apresentou o maior crescimento do PIB cearense foi a Agropecuária (65,07%), seguido do setor de Serviços (3,59%), enquanto que a Indústria apresentou uma queda de 1,87%. As razões para o desempenho desses setores estão explicitadas nas seções seguintes.

4 ANÁLISE DA DINÂMICA SETORIAL

4.1 Agropecuária

O setor da agropecuária do Ceará no ano de 2014 obteve ganhos e perdas, com comportamentos variados das atividades que compõem esse setor. Esse desempenho está muito relacionado ao período de estiagem que vem ocorrendo em todo o Nordeste.

Ao analisar o índice de pluviosidade para o Ceará no ano de 2014, notou-se que a quantidade de chuva foi muito próxima da observada em 2013. Porém, em ambos os anos os valores ficaram abaixo da média normal do Estado, com desvio de -31,5, em 2013, e -29,7, em 2014.

A vantagem do período de chuva de 2014 sobre 2013 está relacionada a uma melhora na distribuição temporal, favorecendo assim a produção de algumas culturas temporárias desenvolvidas no Ceará.

As regiões que registraram as maiores quantidades de chuva foram: Cariri, Maciço de Baturité, Litoral de Fortaleza, Litoral Norte e Litoral de Pecem.

Tabela 4.1: Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas no ano de 2013 e 2014

Macrorregião	Normal (mm)		Observada (mm)		Desvio (%)	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014
Cariri	910.2	910.2	748.5	868.8	-17.8	-4.6
Maciço de Baturité	960.5	960.5	683.1	699.3	-28.9	-27.2
Litoral de Fortaleza	1086.3	1086.3	607.7	691.5	-44.1	-36.3
Litoral Norte	977.9	977.9	665.1	575.1	-32.0	-41.2
Litoral de Pecem	877.5	877.5	619.5	574.7	-29.4	-34.5
Ibiapaba	885.2	885.2	558.9	543.1	-36.9	-38.7
Jaguaribana	768.0	768.0	610.7	526.5	-20.5	-31.5
Sertão Central e Inhamuns	681.2	681.2	418.3	479.8	-38.6	-29.6
Ceará	804,9	804,9	551,2	565,6	-31,5	-29,7

Fonte: FUNCEME. Elaboração IPECE.

O longo período de estiagem fez acender o sinal de alerta quanto ao nível dos reservários de água do Ceará. Ao observar as bacias hidrográficas cearenses nota-se que em 2012 o nível correspondia a 69% do total da capacidade, em 2013 passou para 47%, encerrando o ano de 2014 com 33% do volume de capacidade.

Das regiões, a situação mais vulnerável, segundo a Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH) está no Sertão de Crateús, com apenas 4% da capacidade de armazenamento. Em seguida está a região do Curu, com 7% da capacidade total em seus 13 açudes. Em melhor situação está a região do Alto Jaguaribe, com 53% da capacidade total de armazenamento de água.

Quadro 4.1: Capacidade e volume (%) de armazenamento das Bacias Hidrográficas do Ceará – 2012-2013-2014

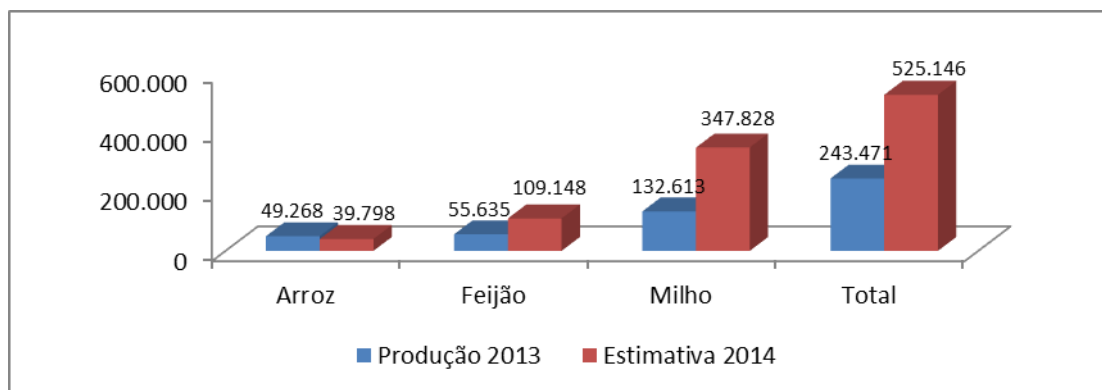
Regiões	Capacidade (m ²)	Volume (%) 2012	Volume (%) 2013	Volume (%) 2014
Acaraú	1.759.633.000	74	47	26
Alto Jaguaribe	2.833.671.799	87	64	53
Baixo Jaguaribe	24.000.000	62	22	10
Banabuiú	2.803.114.745	69	41	23
Coreaú	297.090.000	72	43	31
Curu	1.029.281.000	51	22	7
Litoral	215.763.393	49	35	24
Médio Jaguaribe	7.401.560.057	68	51	37
Metropolitana	1.383.975.520	62	36	31
Sertões de Crateús	492.058.025	44	13	4
Salgado	136.760.152	57	35	39
Serra da Ibiapaba	450.013.764	88	64	43
Ceará	18.826.921.455	69	47	33

Fonte: COGERH. Elaboração IPECE.

Ao analisar a produção agrícola do Ceará, conforme mostra o Gráfico 4.1, a estimativa da produção de grãos para 2014 supera a obtida em 2013, indicando um crescimento de 115,7%. Esse resultado foi influenciado, principalmente, pelo crescimento da produção de milho e feijão, que obteve variação de 162,3% e 96,2%, respectivamente, comparada ao ano de 2013. Vale ressaltar que esses elevados valores devem-se à pequena produção de 2013, o que deixa a base de comparação baixa, além do fato de que o ano de 2014 foi favorecido pela melhor distribuição das chuvas ao longo do ano.

Quanto à produção de arroz, observou-se uma menor quantidade em virtude, principalmente, da falta de água, havendo um desestímulo para o plantio. É importante dizer que as culturas de arroz, feijão e milho correspondem em torno de 95% da produção total de grãos do Ceará.

Gráfico 4.1: Produção obtida e estimativa de Grãos (em toneladas) no Ceará - 2013-2014



Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

Nota: (*) O valor de 2013 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa.

A Tabela 4.2 mostra a produção de grãos do Ceará nos últimos dezenove anos. Assim, pode-se observar que 2012 e 2013 foram os anos com menores valores de produção de grãos, com valores muito abaixo do ano de 2011, que foi de 1.300.855 toneladas, o maior valor da série analisada. A produção de 2014 também ficou muito aquém de 2011, mas com desempenho um pouco melhor quando comparada com os dois últimos anos anteriores.

Tabela 4.2: Produção obtida e estimativa de Grãos (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

Ordem	Ano	Produção (t)
1	2011	1.300.855
2	2006	1.145.557
3	2008	1.129.862
4	2003	1.083.506
5	2000	1.029.076
6	2002	932.553
7	1999	793.601
8	2009	781.684
9	1996	663.536
10	2004	632.906
11	2007	575.302
12	1997	543.090
13	2005	531.509
14	2014	525.146
15	2001	400.216
16	2010	336.207
17	1998	265.870
18	2013	243.471
19	2012	233.857

Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

A produção de frutas em 2014 apresentou bons resultados para melão, banana, goiaba e coco-da-baía. Quando comparada com a produção de 2013, verifica-se que algumas frutas tiveram redução na produção de 2014, a destacar: maracujá (-32,67%), mamão (-15,69%), abacaxi (-7,5%) e castanha de caju (-3,33%) (Tabela 4.3).

Ao longo do ano de 2014 a preocupação também se voltou para a produção de frutas, visto que a maioria é cultivada por sistema irrigado e o acumulado de água do Estado encontra-se em situação crítica. Uma das maiores questões consiste na garantia da água para a produção agrícola, e assim manter a condição de produção de frutas que o Ceará já conseguiu atingir.

Tabela 4.3: Produção obtida e estimativa de Frutas (em toneladas) no Ceará - 2013-2014

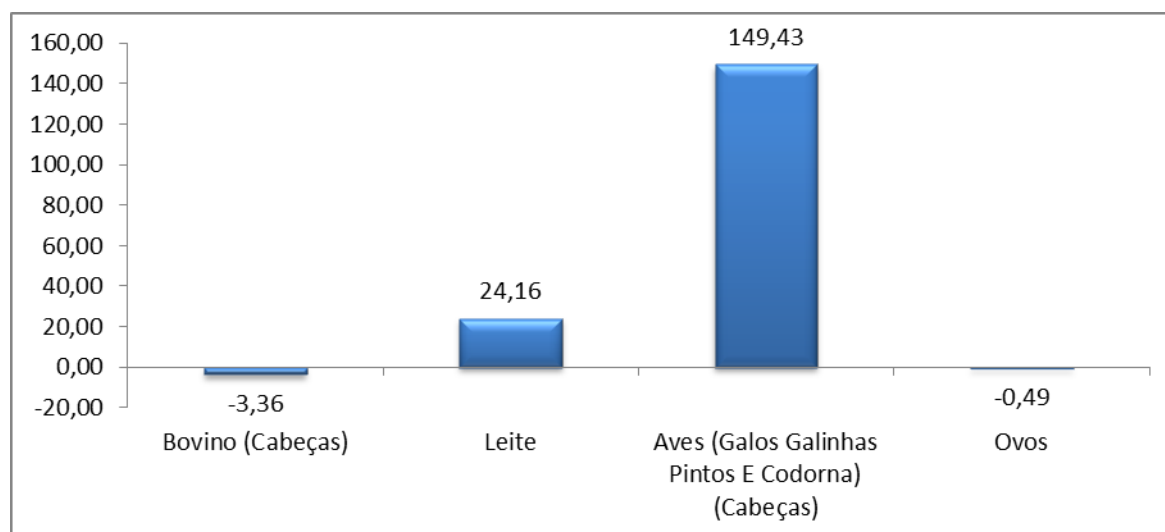
Produção de Grãos	Produção 2013 *	Estimativa 2014	Varição (%) 14/13
Acerola	15.232	14.849	-2,51
Banana	375.344	452.541	20,57
Goiaba	14.081	18.936	34,48
Laranja	13.554	12.684	-6,42
Mamão	117.363	98.945	-15,69
Manga	46.599	49.305	5,81
Maracujá	213.908	144.024	-32,67
Melancia	68.897	82.428	19,64
Melão	212.362	393.391	85,25
Castanha de caju	52.973	51.210	-3,33
Abacaxi **	11.247	10.403	-7,50
Coco-da-baía **	206.078	246.959	19,84

Fonte: IBGE. Elaboração IPECE.

Notas: (*) O valor de 2013 refere-se a produção obtida e o valor de 2014 corresponde a estimativa.

(**) Produção em mil frutos.

Pelo lado da produção animal destaca-se a produção de leite, que cresceu 24,16% em 2014, com relação ao ano de 2013, e a produção de aves, com crescimento de 149,4%. Porém, as atividades de bovinos e ovos registraram queda de, respectivamente, 3,36% e 0,49%, mas essas reduções foram compensadas pelo aumento da produção de leite e aves, tornando o resultado da pecuária positivo para o setor agropecuário. (Gráfico 4.2).

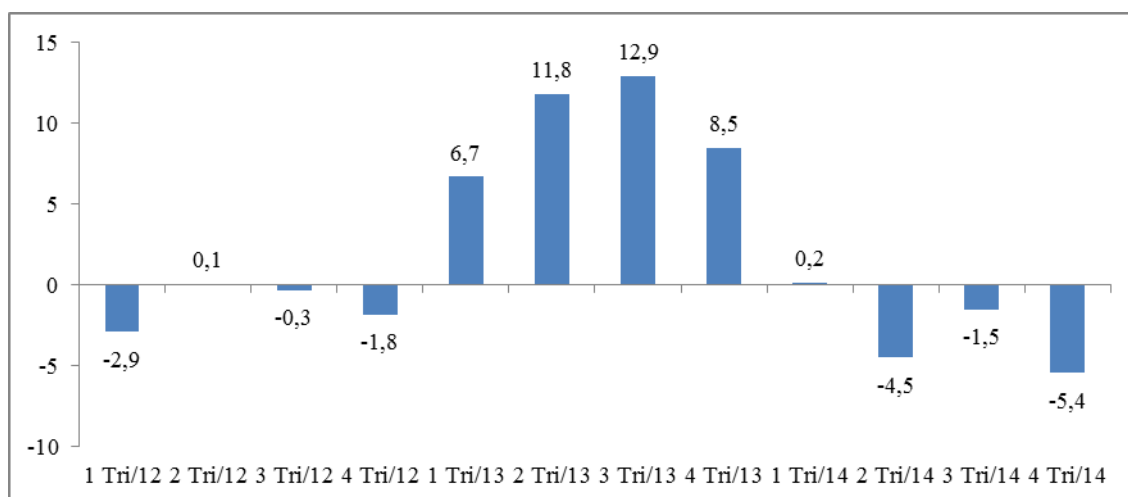
Gráfico 4.2: Taxa de crescimento (%) de produção animal – Ceará 2014/2013

Fonte: IBGE/IPECE. Elaboração IPECE.

4.2 Indústria

A indústria de transformação cearense voltou a apresentar resultados negativos no quarto trimestre de 2014. O último trimestre do ano fechou com uma redução de 5,4% na produção quando comparado ao mesmo período de 2013, de acordo com o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE (PIM-PF/IBGE)¹. O resultado intensificou a queda já observada nos períodos anteriores e se constituiu no terceiro período seguido de retração neste tipo de comparação. Os meses de outubro a novembro de 2014 apresentaram o pior desempenho dos últimos dois anos, ficando abaixo dos resultados negativos de 2012. O Gráfico 4.3, a seguir, mostra as taxas trimestrais.

Gráfico 4.3: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial – Ceará – 2012 a 2014



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração IPECE.

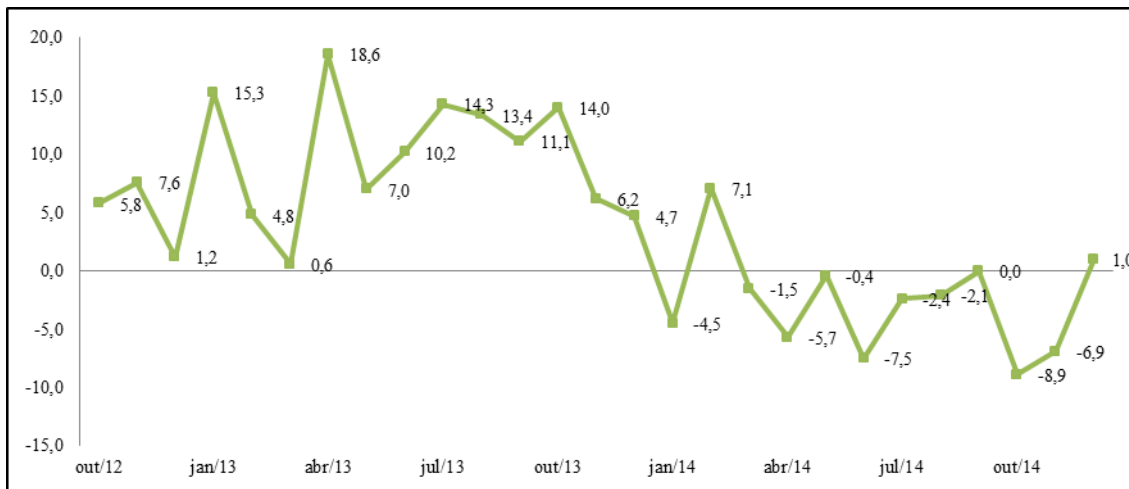
Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

O resultado para o quarto trimestre refletiu, em especial, a redução da produção física registrada nos meses de outubro e novembro, de 8,9% e 6,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, em dezembro, o resultado voltou a ser positivo, com expansão de 1,0%, após nove meses seguidos sem crescimento. Na verdade, na maior parte do ano de 2014, a indústria cearense manteve o comportamento de sua produção

¹ É importante destacar que a Pesquisa Industrial Mensal – produção física (PIM-PF) passou por uma reformulação. Seu ano base passou de 2002 para 2012 e nesta mudança aconteceram algumas alterações importantes: a) adoção da CNAE 2.0, b) atualização da amostra de setores, produtos e informantes, e c) atualização da estrutura de ponderação dos índices. Maiores informações em http://www.ibge.gov.br/home/disseminacao/destaques/2014_05_20_reformulacao_pim_pf.shtm.

em terreno negativo, registrando retração mês após mês. O Gráfico 4.4 apresenta a evolução mensal.

Gráfico 4.4: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial - Ceará - Jan./2013 - Dez./2014

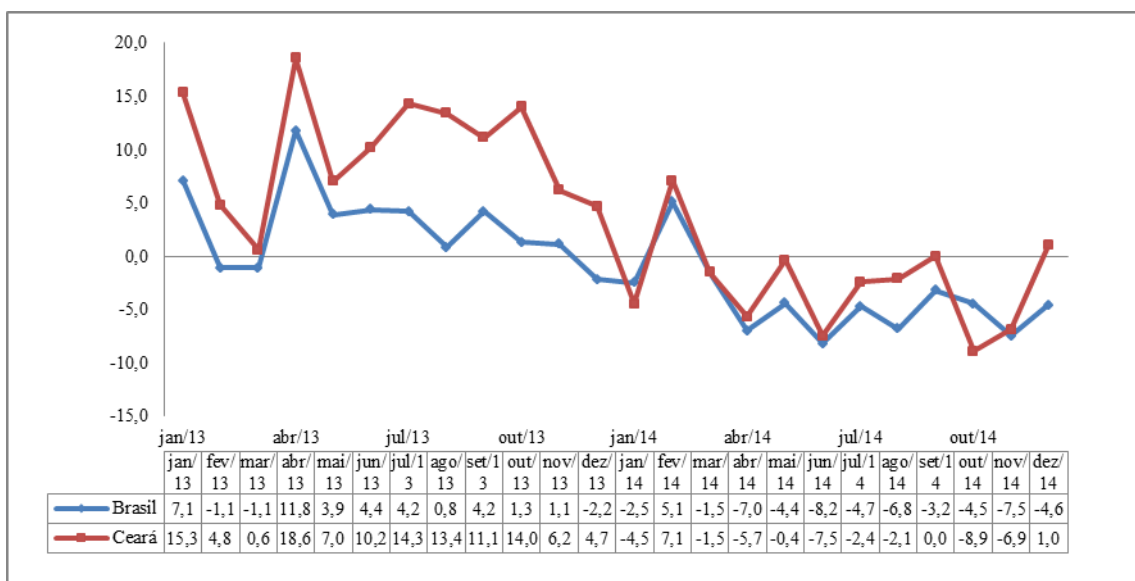


Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Novamente, no quarto trimestre do ano, a indústria local se descolou da trajetória seguida pela indústria nacional. Na verdade, ao longo do ano, a indústria nacional apresentou reduções mais intensas na produção em relação a 2013, sendo que no último trimestre esta foi de 5,5%. O Gráfico 4.5, a seguir, apresenta as taxas mensais e as trajetórias.

Gráfico 4.5: Variação Mensal (%) da Produção Física Industrial – Ceará e Brasil - Jan./2013 - Dez./2014



Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

De fato, seja nos trimestres, seja na análise mensal, o ano de 2014 registrou redução no ritmo de produção em todas as comparações em relação ano anterior. Em consequência, para o acumulado do ano, o resultado foi uma retração de 2,9% em relação a 2013, revertendo o crescimento de 10,0%, observado na comparação deste com 2012. Com esse desempenho, a indústria de transformação cearense superou a média nacional (-4,3%), mas ficou abaixo da registrada pela região Nordeste (-0,1%).

Apesar das diferenças e a despeito da base de comparação, os percentuais registrados ratificam um ambiente de menor dinamismo e retração na indústria nacional com repercussões no Ceará. De fato, entre os quatorze estados pesquisados, onze deles acumularam resultados negativos em 2014. Entre os que apresentaram redução na produção, a indústria cearense é a que possui a quarta menor queda em relação ao mesmo período de 2013. Entre os destaques negativos, estão os maiores parques industriais do país, como São Paulo (-6,2%), Paraná (-5,5%), Rio de Janeiro (-4,7%), Rio Grande do Sul e Minas Gerais (ambos com -4,3%). Por outro lado, se diferenciaram com resultados positivos as indústrias de Mato Grosso (2,9%) e Goiás (1,4%).

A Tabela 4.4 traz os resultados para os Estados pesquisados, para o país e para a região Nordeste considerando os anos de 2013 e 2014.

Tabela 4.4: Variação (%) da Produção Física Industrial - Brasil e Estados – Out.-Dez./2013 e 2014 e Acumulado do Ano

Brasil e Estados	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Out	Nov	Dez		Out	Nov	Dez	
Mato Grosso	14,9	11,4	14,3	1,0	4,9	5,5	4,9	2,9
Goiás	1,0	0,4	26,5	6,0	6,0	7,7	-8,0	1,4
Pernambuco	-2,2	0,2	5,4	-0,7	-6,5	-2,8	-8,6	0,0
Nordeste	-3,2	-0,7	-1,1	3,8	3,0	-0,8	-1,5	-0,1
Pará	1,2	7,2	9,5	-2,9	-3,4	-5,0	-3,5	-0,7
Santa Catarina	7,0	-0,5	-4,2	1,7	-2,9	-5,4	-2,6	-2,2
Ceará	14,0	6,2	4,7	10,0	-8,9	-6,9	1,0	-2,9
Bahia	-1,2	2,3	-3,7	7,2	8,7	-0,6	-2,6	-3,1
Espírito Santo	1,6	1,6	-2,7	-2,4	-4,1	-2,5	-10,3	-3,5
Amazonas	10,5	8,2	6,0	6,8	-10,3	-17,8	-5,5	-4,1
Brasil	1,3	1,1	-2,2	2,8	-4,5	-7,5	-4,6	-4,3
Minas Gerais	-0,6	-2,3	-6,0	0,7	-5,9	-7,1	-6,9	-4,3
Rio Grande do Sul	12,9	5,7	1,6	7,6	-4,7	-6,2	-0,1	-4,3
Rio de Janeiro	-1,5	-0,8	-0,9	2,4	-9,8	-5,3	-4,7	-4,7
Paraná	5,6	6,9	-2,4	3,0	-7,1	-8,0	4,0	-5,5
São Paulo	-0,2	1,3	-5,1	3,2	-5,2	-10,9	-8,0	-6,2

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Resultados Setoriais

Como observado no trimestre anterior, o resultado para a indústria cearense entre os meses de outubro a dezembro refletiu o comportamento apresentado pela maioria dos segmentos que a compõem. Entre as onze atividades pesquisadas, oito apresentaram resultados negativos, tanto para o quarto trimestre do ano, como para o resultado acumulado de 2014.

Os resultados podem ser explicados por alguns motivos principais. Um deles é a elevada base de comparação em que se configura o ano de 2013, período de retomada da indústria em relação a 2012, um ano também ruim para manufatura local. Entretanto, como já destacado na edição anterior, o ponto de maior gravidade é que os resultados dos últimos trimestres ratificam o momento difícil para indústria que se configurou o ano de 2014, no qual as indústrias nacional e cearense registraram maus desempenhos influenciados, dentre outros, por problemas estruturais de competitividade.

Neste contexto, segmentos importantes da indústria local acumularam resultados negativos, consequência de trimestres seguidos de redução na produção física. São os casos dos setores de fabricação de produtos têxteis, de fabricação de bebidas e de fabricação de calçados e artigos de couro que registraram reduções de, respectivamente, 25,8%, 4,4% e 3,3%, em 2014.

Quanto ao setor têxtil, a redução na produção foi especialmente influenciada pela fabricação de fios e tecidos de algodão, o que pode estar associado tanto à concorrência com os produtos importados, principalmente chineses, como também nacionais. Já para o setor de calçados e couros, o desempenho pode ser explicado pela concorrência interna e externa com produtos de outros países ou de outros estados.

Além dos segmentos destacados acima, outras atividades também apresentaram redução na produção em 2014 em um movimento associado à redução de ritmo na atividade da construção civil. São elas, fabricação de produtos de minerais não-metálicos (-7,6%) e fabricação de produtos químicos (-10,0%).

Por outro lado, algumas atividades se diferenciaram com resultados positivos em um ambiente de retração para a maioria do setor. No ano, se destacaram a produção de alimentos

e de derivados de petróleo, com expansões de, respectivamente, 7,0% e 11,7%. A Tabela 4.5 apresenta os números.

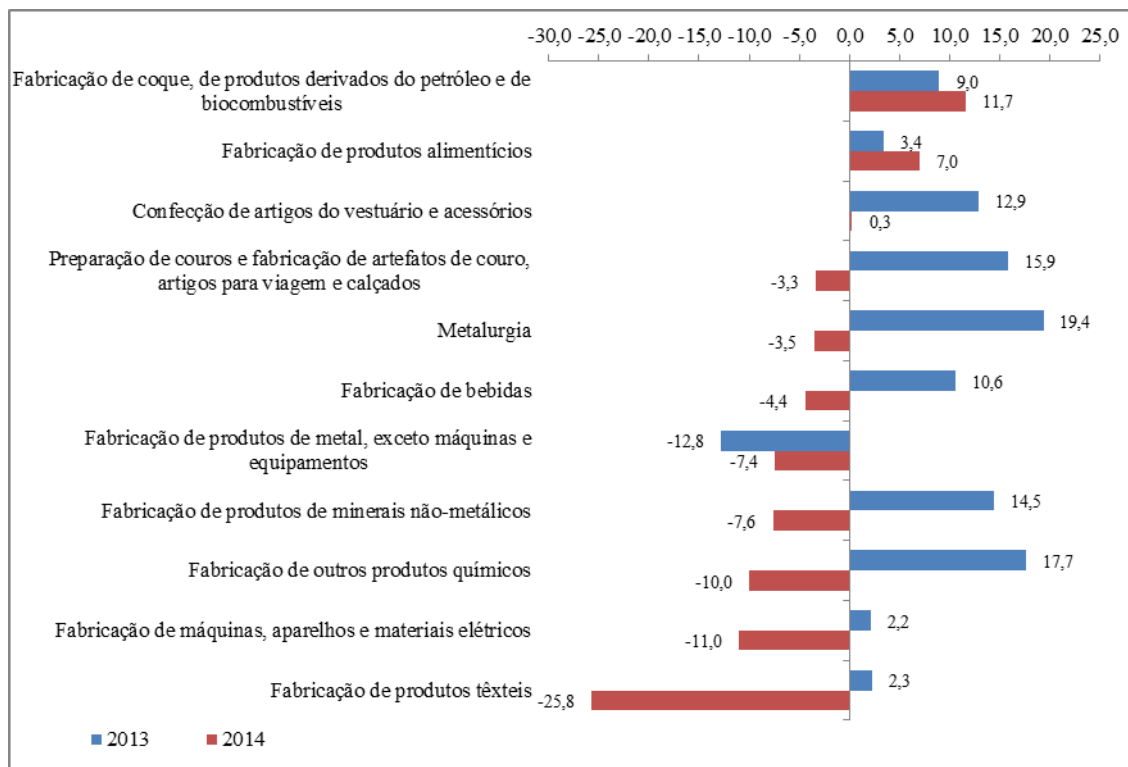
Tabela 4.5: Variação Trimestral (%) da Produção Física Industrial por Setores – Ceará – 2013 e 2014

Setores	Variação Trimestral (2013)				Acum. Ano (2013)	Variação Trimestral (2014)				Acum. Ano (2014)
	2013. I	2013. II	2013. III	2013. IV		2014. I	2014. II	2014. III	2014. IV	
Indústrias de transformação	6,7	11,8	12,9	8,5	10,0	0,2	-4,5	-1,5	-5,4	-2,9
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	4,4	7,7	15,2	8,4	9,0	16,5	19,8	9,6	2,1	11,7
Fabricação de produtos alimentícios	-5,5	3,1	5,3	11,2	3,4	9,0	7,9	9,4	1,8	7,0
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-2,0	16,4	19,8	15,3	12,9	20,4	-8,5	-1,5	-4,1	0,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	18,8	18,7	15,6	12,0	15,9	-9,9	-6,7	2,3	-0,4	-3,3
Metalurgia	26,3	38,3	13,3	5,9	19,4	-10,7	-3,9	-3,1	3,6	-3,5
Fabricação de bebidas	12,4	9,8	14,6	6,6	10,6	7,2	-0,1	-11,3	-9,9	-4,4
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-20,3	-8,4	-10,7	-11,9	-12,8	9,1	-7,6	-17,3	-11,4	-7,4
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	24,1	23,5	12,3	2,5	14,5	-4,4	-15,0	-8,1	-3,1	-7,6
Fabricação de outros produtos químicos	13,3	20,3	25,6	11,8	17,7	-8,3	-17,0	-0,9	-15,7	-10,0
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-9,2	-0,4	11,6	7,4	2,2	0,8	-17,9	-4,4	-21,1	-11,0
Fabricação de produtos têxteis	0,6	3,8	9,9	-5,1	2,3	-21,5	-23,5	-22,8	-36,2	-25,8

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE.

Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

O desempenho de cada setor industrial da economia cearense pode ser mais bem visualizado através do Gráfico 4.6, a seguir, que compara a taxa de crescimento acumulada para os anos de 2013 e 2014.

Gráfico 4.6: Taxa de Crescimento Acumulada (%) da Produção Industrial por Setores Industriais- 2013 e 2014 - Ceará

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Ordenado pelo acumulado do ano de 2014.

Emprego na Indústria

Os indicadores do mercado de trabalho para a indústria cearense, fornecidos pela Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE)², registraram resultados negativos para o acumulado do ano. De fato, pessoal ocupado, folha de pagamento real e número de horas trabalhadas registraram taxas negativas, respectivamente, de -2,5%, -2,8% e -3,0%, entre janeiro e dezembro de 2014 em relação a igual período de 2013. A Tabela 4.6 apresenta os dados do último trimestre e para o acumulado de 2014.

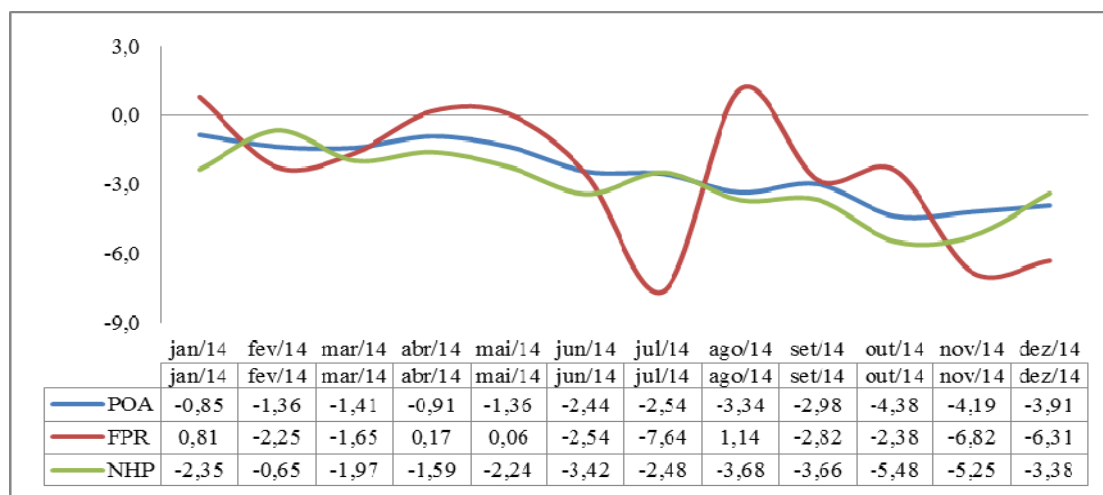
² A Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salários (PIMES/IBGE) passará por um processo de reformulação. Em virtude disso, a partir de 2015 os dados só serão disponibilizados para o Brasil. Assim, os dados estaduais não serão mais divulgados.

Tabela 4.6: Variação (%) da Folha de Pagamento Real, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará

Indicador	Variação Mensal (2013)			Acumulado Ano (2013)	Variação Mensal (2014)			Acumulado Ano (2014)
	Out	Nov	Dez		Out	Nov	Dez	
Pessoal ocupado assalariado	-1,5	-1,4	-2,3	-1,1	-4,4	-4,2	-3,9	-2,5
Folha de pagamento real	-0,4	-3,6	3,2	1,9	-2,4	-6,8	-6,3	-2,8
Número de horas pagas	-1,1	-0,4	-0,4	-0,8	-5,5	-5,3	-3,4	-3,0

Fonte: PIMES (IBGE). Elaboração IPECE. Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os indicadores para pessoal ocupado assalariado e número de horas pagas continuaram a apresentar desempenhos em terreno negativo em 2014, preservando um comportamento presente desde o ano de 2013. Tais resultados, como já destacado na edição anterior, são coerentes com o comportamento da produção para o período. A folha de pagamento real também registrou resultados negativos no acumulado de 2014. De fato, tem-se uma nova dinâmica para os ganhos salariais na atividade industrial, mais compatível com um ambiente de redução no ritmo da produção, no estoque e na intensidade de uso do fator trabalho. O movimento atual, de certa forma, reduz a pressão de custos sobre a atividade industrial. O Gráfico 4.7 apresenta a trajetória.

Gráfico 4.7: Variação Mensal (%) da Folha de Pagamento Real, Pessoal Ocupado Assalariado e Número de Horas Pagas – Ceará - Janeiro a Dezembro de 2014

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração: IPECE. POA – Pessoal Ocupado Assalariado, FPR – Folha de Pagamento Real, NHP – Número de Horas Pagas. Nota: Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior.

A avaliação final para o ano de 2014 corrobora o cenário antecipado ainda no terceiro trimestre do ano. Tem-se, assim, que após um primeiro trimestre de leve expansão, os resultados assinalados nos trimestres seguintes de 2014 revelaram um momento de retração da

indústria. No terceiro trimestre, as encomendas para o final de ano aliviaram a situação, mas não foram suficientes para recolocar a produção em crescimento. Apesar das medidas de estímulo adotadas em nível nacional, a indústria brasileira e, em particular, a cearense não conseguiram retomar um crescimento consistente e continuaram a registrar resultados negativos. Além da base de comparação elevada, o atual quadro está associado à intensificação da concorrência internacional e das questões estruturais que reduzem o poder de competição. A este cenário somam-se o ambiente de deterioração das expectativas e de incertezas no tocante à condução da política econômica. Neste contexto, diminuem a disposição em consumir, os investimentos e os ganhos de produtividade decorrentes. Sob todos os prismas, o ano foi de encolhimento para atividade no estado e no país.

Para 2015, o quadro deve permanecer complicado para a atividade, dado o momento de ajuste que deve se configurar o ano. Por outro lado, as mudanças observadas na condução da política econômica e a efetivação dos necessários ajustes podem reverter o processo de deterioração das expectativas e potencializar uma retomada mais forte da atividade em 2016.

Em particular para o Ceará, ainda em 2015, o comportamento da taxa de câmbio decorrente da desvalorização da moeda nacional, que deve estimular as exportações e dificultar a entrada de bens estrangeiros, pode oferecer algum alívio para os segmentos de têxtil e calçados.

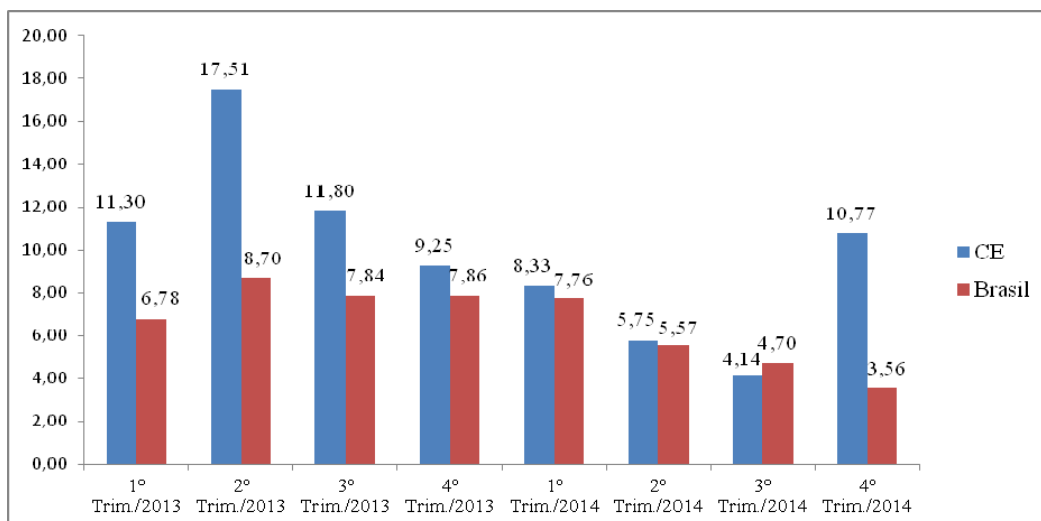
4.3 Serviços

4.3.1. Pesquisa Mensal de Serviços

Evolução da Receita Nominal de Serviços

No quarto trimestre de 2014, o setor de serviços cearense apresentou um aumento no ritmo de crescimento comparada aos trimestres anteriores. De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), entre os meses de outubro e dezembro, os serviços do estado registraram crescimento real de 10,77%, quando comparado com o mesmo trimestre do ano passado, resultado mais do que o dobro do crescimento obtido no terceiro trimestre de 2014, o qual foi de 4,14%. Os números encontram-se apresentados no Gráfico 4.8.

Gráfico 4.8: Evolução da variação mensal da receita real de serviços – 1ºTrim./2013 a 4º Trim./2014 - Brasil e Ceará (%) (*)



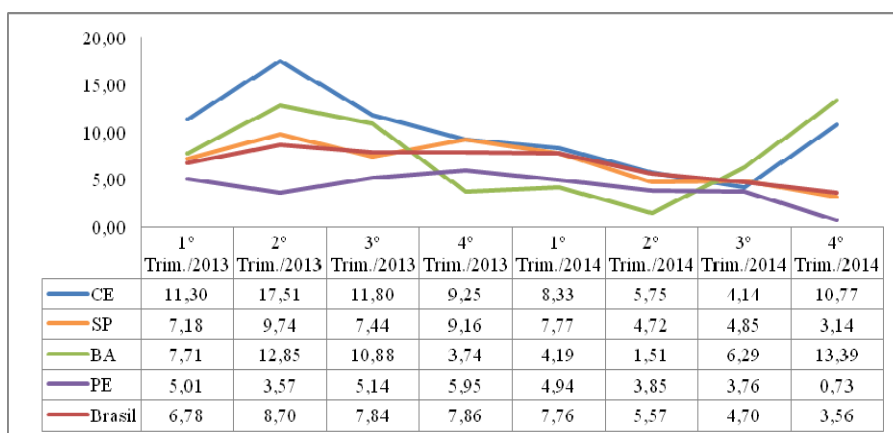
Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços no Contexto Nacional

No cenário nacional, além do Ceará (10,77%), pode-se destacar a Bahia (13,39%) em termos de crescimento real. Diferentemente dos últimos períodos, no quarto trimestre do ano os serviços cearenses estiveram em expansão, enquanto que a trajetória nacional continuou decrescente. O gráfico 4.9 apresenta as trajetórias.

Gráfico 4.9: Evolução da variação trimestral da receita real de serviços – 1ºTrim./2013 a 4º Trim./2014 - Brasil e Estados (%) (*)

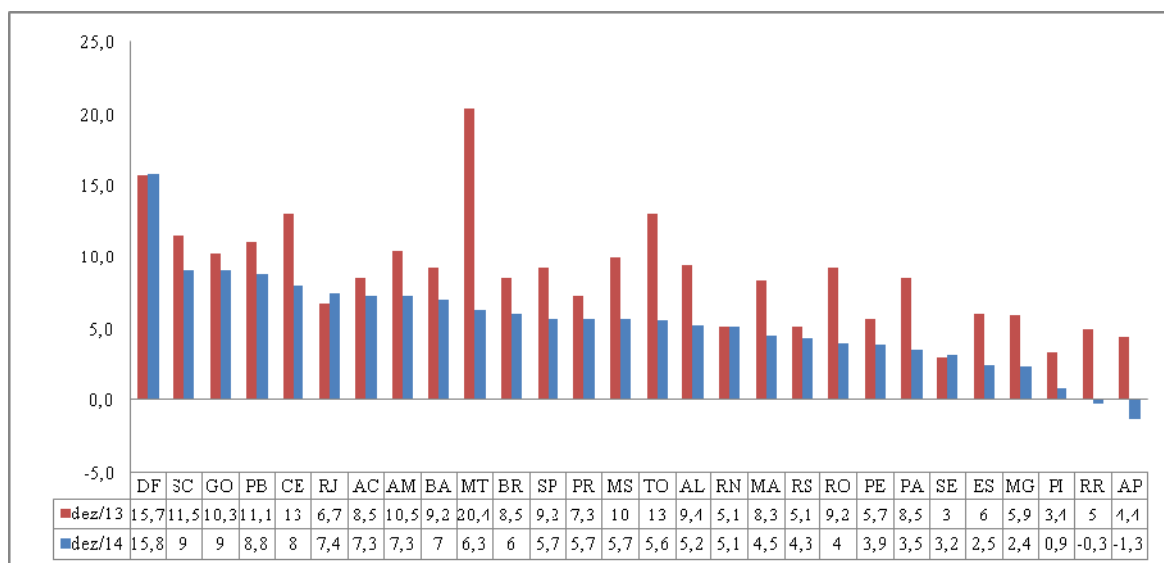


Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

O resultado registrado pelo setor de serviços do Estado, em 2014, mostra um crescimento de 8,0%, inferior do obtido no mesmo período do ano anterior (expansão de 13,0%). O

desempenho estadual foi superior ao registrado pelo país (6,0%), e superior ao observado nas principais economias do Nordeste, Bahia (7,0%) e Pernambuco (3,9%). Os percentuais registrados demonstram um ambiente de menor dinamismo e recuo no setor de serviços nacional e no Ceará. No Gráfico 4.10 encontram-se os resultados para as unidades federativas e Brasil nos anos de 2013 e 2014.

Gráfico 4.10: Variação da receita nominal de serviços no acumulado do ano – Dezembro 2013-2014 - Brasil e Estados (%)



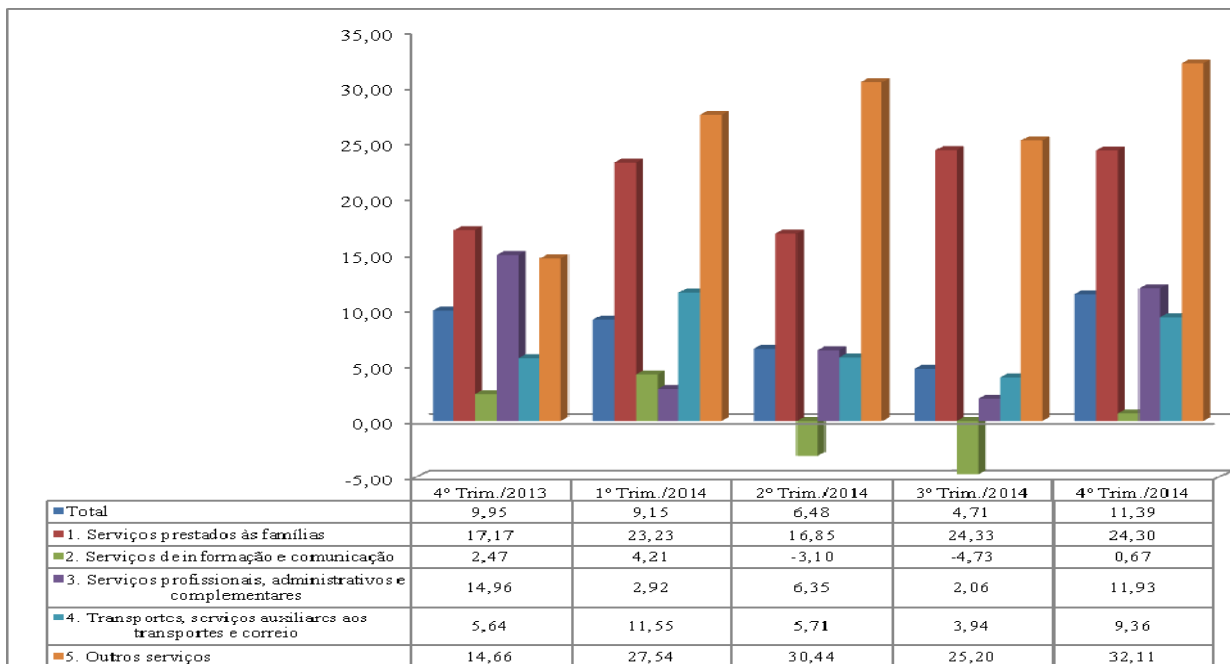
Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

Receita Nominal de Serviços por Atividades

Considerando os resultados para os setores que compõem os serviços cearenses, dentre as cinco atividades pesquisadas, todas apresentaram crescimento no quarto trimestre de 2014. Dentre estas, destaca-se o setor de serviços prestados às famílias (24,30%), cujo resultado foi superior ao obtido no trimestre anterior.

Gráfico 4.11: Taxa de Crescimento da receita nominal de Serviços – Acum. no 4º Trim./2013-4º Trim 2014 (%)
(*)



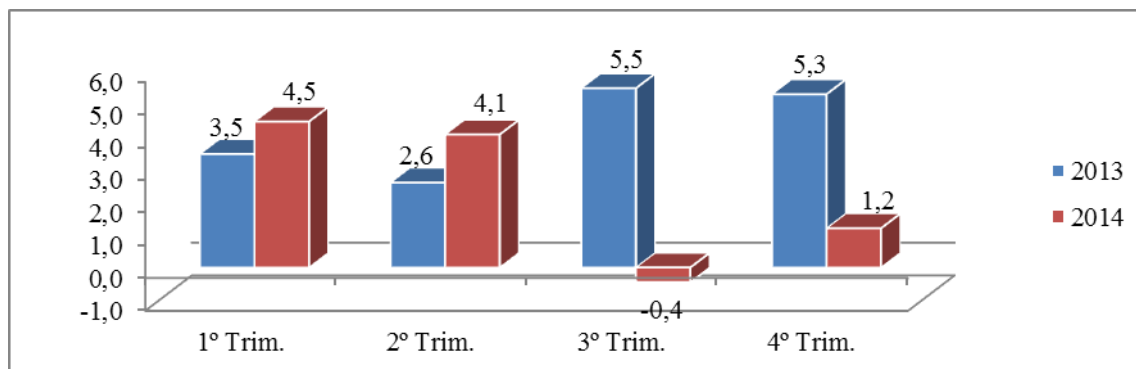
Fonte: PMS (IBGE). Elaboração IPECE.

(*) Taxa de crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior.

4.3.2 Comércio Varejista

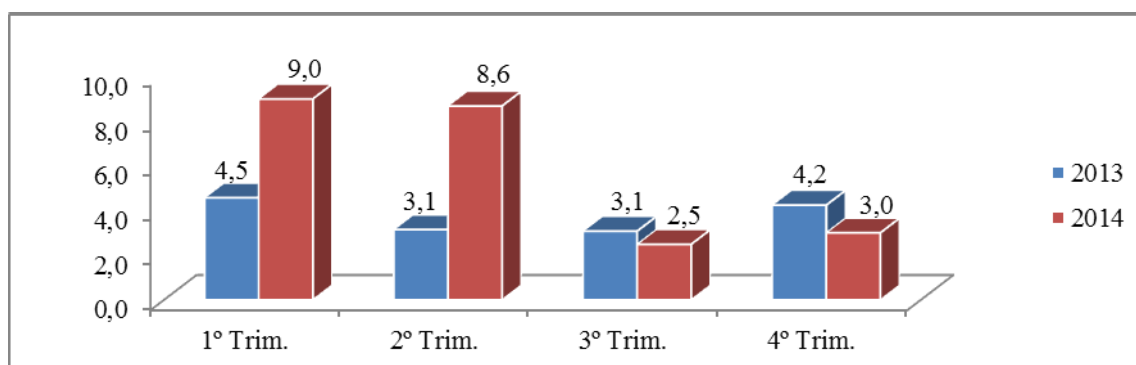
De acordo com dados da Pesquisa Mensal do Comércio, divulgados pelo IBGE, as vendas do comércio comum brasileiro registraram uma alta de apenas 1,2% na comparação do quarto trimestre de 2014 com o mesmo trimestre do ano de 2013.

Nota-se que as vendas nacionais registraram uma recuperação após a queda de 0,4% ocorrida no terceiro trimestre. Vale destacar que o ritmo de vendas do varejo nacional experimentou nítida desaceleração em relação ao ritmo de crescimento registrado no primeiro semestre do ano, quando foram registrados crescimentos bem superiores até na comparação com os mesmos trimestres do ano passado.

Gráfico 4.12: Evolução das vendas trimestrais do varejo comum – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 - Brasil

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

O ritmo de desaceleração nas vendas do varejo comum também foi sentido no estado do Ceará que registrou taxas de crescimento trimestrais no segundo semestre bem abaixo daquelas que foram observadas nos dois primeiros trimestres do ano de 2014. (Gráfico 4.13).

Gráfico 4.13: Evolução das vendas trimestrais do varejo comum – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 - Ceará

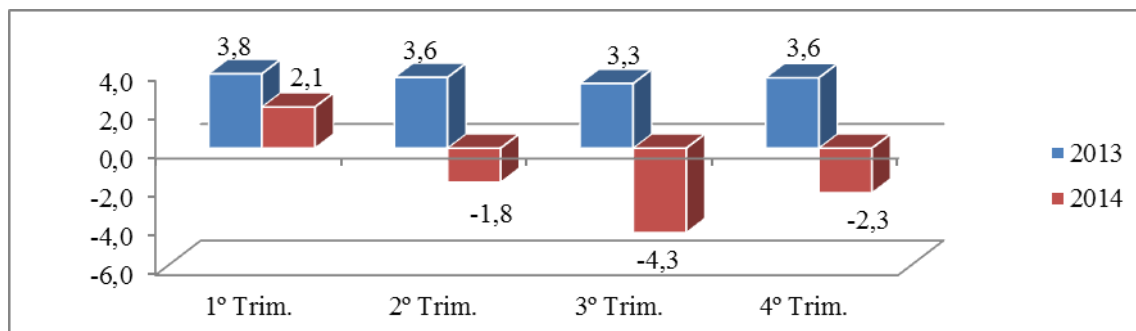
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Além disso, no terceiro e quarto trimestres de 2014 as taxas de crescimento observadas ficaram abaixo daquelas registradas em igual período de 2013, confirmando, dessa forma, uma desaceleração no ritmo de vendas também no varejo local, com uma leve recuperação no quarto trimestre do ano. (Gráfico 4.13).

Quando se incluem as vendas de Veículos e de Materiais de construção no cálculo do índice obtém-se o que é conhecido como varejo ampliado. Nesse indicador o desempenho foi ainda pior do que o observado no varejo comum.

Do segundo ao quarto trimestres de 2014 foram observadas quedas sucessivas nas vendas do varejo ampliado nacional provocadas principalmente pela forte redução de vendas de veículos. (Gráfico 4.14).

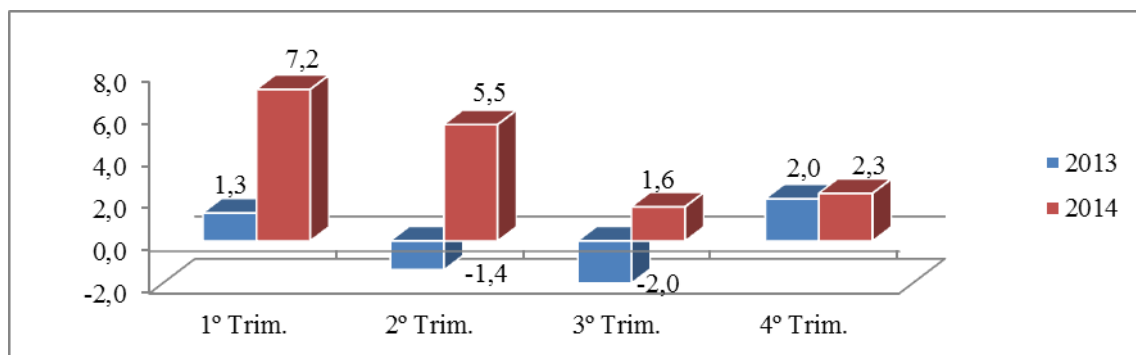
Gráfico 4.14: Evolução das vendas trimestrais do varejo ampliado – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 - Brasil



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

O varejo ampliado cearense também sofreu reflexos da queda de vendas de veículos, o que fez esse indicador trimestral registrar crescimento abaixo do registrado no índice do varejo comum. (Gráfico 4.15).

Gráfico 4.15: Evolução das vendas trimestrais do varejo ampliado – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 - Ceará



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Todavia, não foi observado no varejo ampliado nenhuma queda trimestral ao longo do ano de 2014 revelando e confirmando que tanto no varejo comum quanto no ampliado o Ceará registrou melhor desempenho que o nacional. Talvez o desempenho no varejo ampliado possa ser explicado em parte pela base de comparação negativa e por uma nítida recuperação nas vendas do setor de Materiais de construção. (Gráfico 4.15).

Ao se realizar uma análise por desempenho do varejo comum no cenário nacional é possível observar quais estados obtiveram os maiores crescimentos na comparação do quarto trimestre

de 2014 com o mesmo trimestre de 2013: Roraima (22,1%); Amapá (11,6%); Acre (10,0%); Rondônia (9,1%); e Tocantins (4,3%). (Tabela 4.7).

Já as maiores quedas, de acordo com a Tabela, foram observadas nos estados do Distrito Federal (-3,2%); Amazonas (-0,8%); Goiás (-0,7%); São Paulo (-0,4%) e Espírito Santo (-0,1%).

O varejo comum cearense apareceu na décima colocação, com alta de 3,0% na referida comparação, tendo registrado o terceiro melhor desempenho dentro da região Nordeste, superado apenas pelos estados do Piauí e Rio Grande do Norte.

Tabela 4.7: Evolução das vendas trimestrais do varejo comum – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 – por Estados

Estados	2013				2014			
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Rondônia	8,6	9,3	7,2	11,7	6,7	11,8	9,3	9,1
Acre	2,6	1,6	-0,2	11,2	12,1	11,5	17,5	10,0
Amazonas	1,8	0,0	5,3	8,0	2,2	1,3	-0,9	-0,8
Roraima	4,3	11,7	-2,0	0,2	-1,9	6,8	10,9	22,1
Pará	5,2	4,7	5,9	7,4	5,6	2,5	0,4	3,2
Amapá	3,6	4,9	1,7	2,4	7,0	9,2	7,7	11,6
Tocantins	5,4	5,5	5,2	3,8	10,0	7,5	2,0	4,3
Maranhão	5,6	7,0	10,1	10,9	10,0	7,2	3,4	2,7
Piauí	-0,3	2,2	8,4	4,8	4,6	3,8	-1,4	3,6
Ceará	4,5	3,1	3,1	4,2	9,0	8,6	2,5	3,0
Rio Grande do Norte	9,6	9,0	10,9	8,0	5,2	4,3	0,2	3,5
Paraíba	8,6	9,6	11,1	7,7	2,1	6,9	0,7	1,3
Pernambuco	4,7	3,5	9,3	6,7	5,6	5,7	-1,0	1,5
Alagoas	3,0	4,8	10,5	9,2	9,8	6,9	1,1	1,3
Sergipe	2,8	3,5	2,6	2,5	3,7	1,1	0,2	1,7
Bahia	-0,1	1,1	3,6	5,5	9,5	5,1	2,6	2,0
Minas Gerais	0,2	-0,4	1,1	2,4	3,9	3,1	0,6	2,7
Espírito Santo	3,5	1,3	1,6	0,0	1,1	1,7	-1,2	-0,1
Rio de Janeiro	4,7	3,4	6,4	5,2	1,7	5,6	2,5	2,9
São Paulo	3,6	2,1	5,8	5,2	4,7	3,6	-2,4	-0,4
Paraná	4,0	3,4	8,3	9,4	3,9	3,8	-0,1	1,9
Santa Catarina	1,2	0,1	5,0	3,8	2,6	1,7	-5,3	2,2
Rio Grande do Sul	3,9	2,5	4,7	4,1	3,9	3,9	1,5	0,3
Mato Grosso do Sul	13,2	10,1	9,8	10,7	4,7	6,1	2,5	3,3
Mato Grosso	5,3	8,0	5,0	6,0	6,3	2,2	0,3	1,3
Goiás	4,1	2,3	5,5	6,4	6,1	4,1	-3,2	-0,7
Distrito Federal	1,0	1,2	3,8	4,8	3,1	2,7	-1,6	-3,2

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Vale destacar que no terceiro trimestre do mesmo ano o Ceará ocupou a oitava posição no ranking nacional, mesmo com um crescimento menor, mas no quarto trimestre de 2014 o estado estava ocupando a décima nona colocação no ranking nacional mesmo com uma taxa de crescimento superior à registrada mais recentemente. Isso mostra que, em parte, a posição

no ranking cearense melhorou bastante também em função da grande piora dos indicadores dos outros estados. (Tabela 4.7).

Analisando-se o desempenho do varejo ampliado no cenário nacional é possível notar que os estados que obtiveram os maiores crescimentos no quarto trimestre de 2014 comparado ao quarto trimestre de 2013 foram: Roraima (15,9%); Tocantins (10,8%); Rondônia (6,9%); Amapá (5,3%); Pará (4,9%). (Tabela 4.8).

Tabela 4.8: Evolução das vendas trimestrais do varejo ampliado – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 – por Estados

Estados	2013				2014			
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Rondônia	5,6	4,3	-2,6	-1,8	1,5	7,8	5,8	6,9
Acre	12,6	12,2	7,8	11,9	7,2	2,1	6,3	3,6
Amazonas	2,2	2,2	5,3	8,0	3,6	2,0	2,3	0,3
Roraima	8,2	10,2	-2,6	-2,0	-1,5	3,7	9,7	15,9
Pará	5,9	4,6	-0,2	0,7	2,4	-1,2	1,4	4,9
Amapá	8,9	6,7	-3,2	-4,9	-6,2	-0,6	0,1	5,3
Tocantins	4,1	10,1	-1,0	-2,4	2,4	1,0	6,3	10,8
Maranhão	5,9	9,4	3,3	3,2	4,9	1,6	1,3	4,4
Piauí	5,6	8,0	6,5	3,9	3,2	0,9	-0,9	2,7
Ceará	1,3	-1,4	-2,0	2,0	7,2	5,5	1,6	2,3
Rio Grande do Norte	9,1	9,6	9,2	7,6	3,5	3,0	-0,7	3,3
Paraíba	5,4	11,3	10,5	6,6	3,6	4,6	1,4	0,8
Pernambuco	3,7	3,6	6,4	6,6	5,7	2,0	-2,7	1,1
Alagoas	5,8	2,4	3,1	8,4	7,9	4,3	-1,0	-0,5
Sergipe	2,0	3,3	1,3	1,3	5,5	1,8	0,7	0,9
Bahia	1,0	1,2	1,6	2,9	5,6	0,3	-0,5	-0,6
Minas Gerais	0,6	2,4	0,0	-4,3	-1,6	0,6	-0,2	0,2
Espírito Santo	-2,7	-5,2	-4,0	-5,0	-8,0	-2,4	-3,1	-2,3
Rio de Janeiro	5,3	5,9	7,1	6,0	2,6	1,4	-0,1	2,9
São Paulo	3,5	2,4	2,1	4,0	0,6	-6,1	-10,7	-7,9
Paraná	7,5	6,2	6,8	7,6	1,1	-5,5	-5,0	-2,4
Santa Catarina	1,3	3,6	4,1	5,3	6,0	0,5	-2,0	1,6
Rio Grande do Sul	5,9	4,6	7,8	7,1	6,8	0,6	-2,5	-2,7
Mato Grosso do Sul	12,0	11,2	4,0	4,6	-0,1	0,0	-2,1	-0,1
Mato Grosso	5,0	10,5	2,4	1,9	4,2	-1,3	-0,2	-0,5
Goiás	8,8	6,5	3,9	2,5	-0,7	-1,4	-4,7	-2,4
Distrito Federal	0,6	-1,0	-1,2	0,3	5,4	0,4	-3,3	-3,7

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Foram registradas quedas nas vendas em dez estados do país. As maiores foram observadas nos estados de São Paulo (-7,9%); Distrito Federal (-3,7%); Rio Grande do Sul (-2,7%); Paraná (-2,4%) e Goiás (-2,4%). (Tabela 4.8).

O varejo ampliado cearense apareceu na décima primeira posição com alta de 2,3% na referida comparação, tendo registrado, dessa vez, o quarto melhor desempenho dentro da

região Nordeste tendo sido superado pelos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte e Piauí. (Tabela 4.8).

Vale ressaltar que no quarto trimestre de 2013, o Ceará havia ocupado a décima sétima posição dentre todos os estados do país. Isso confirma a nítida recuperação nas vendas do varejo ampliado local, comentada anteriormente. (Tabela 4.8).

Por fim, a análise do varejo cearense por setores mostra que quatro deles registraram queda na comparação do quarto trimestre dos anos de 2013 e 2014. Livros, jornais, revistas e papelaria (-18,4%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-8,5%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-2,1%); e Hipermercados e supermercados (-1,8%). (Tabela 4.9).

Por outro lado, as maiores altas foram observadas nas vendas de Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+10,8%); Tecidos, vestuário e calçados (+9,2%); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+8,2%); Móveis (+7,5%); e Combustíveis e lubrificantes (+7,3%). (Tabela 4.9).

Tabela 4.9: Evolução das vendas trimestrais do varejo comum por setores – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 – Ceará

Setores	2013				2014			
	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.
Combustíveis e lubrificantes	19,1	13,2	9,2	8,8	13,0	10,1	9,1	7,3
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,5	-2,9	-1,7	0,7	3,3	6,2	1,0	-2,1
Hipermercados e supermercados	2,4	-3,8	-1,4	0,9	3,7	7,3	0,8	-1,8
Tecidos, vestuário e calçados	4,1	4,4	7,0	8,0	12,0	6,1	8,1	9,2
Móveis e eletrodomésticos	3,1	7,7	7,4	5,1	17,7	11,1	-4,5	4,8
Móveis	11,7	34,3	23,7	24,8	23,1	7,5	-3,5	7,5
Eletrodomésticos	-0,6	-5,5	-1,9	-5,9	13,7	13,2	-5,0	3,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	21,7	25,6	16,0	7,3	2,5	-0,8	7,6	8,2
Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,6	9,1	-6,2	-4,8	-1,5	-10,3	-11,8	-18,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-15,5	-8,0	0,5	26,0	23,8	14,8	-9,7	-8,5
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-2,5	3,2	3,7	7,0	21,8	23,1	8,3	10,8
Veículos, motocicletas, partes e peças	-5,5	-9,8	-12,1	-4,6	3,9	-2,5	-2,6	0,3
Material de construção	1,9	-1,7	2,6	10,9	4,4	11,4	11,9	3,7

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração IPECE.

Destaque pode ser dado para os setores que registraram crescimento ainda maior no quarto trimestre de 2014 comparado a igual período de 2013: Outros artigos de uso pessoal e doméstico; Tecidos, vestuário e calçados; e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.

Merecem também destaque os setores que apresentaram nítida recuperação nas vendas ainda que em alguns casos pouca expressivas: Eletrodomésticos e Veículos, motocicletas, partes e peças. O setor de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação registrou forte alta no quarto trimestre de 2013, mas passou a apresentar queda em 2014.

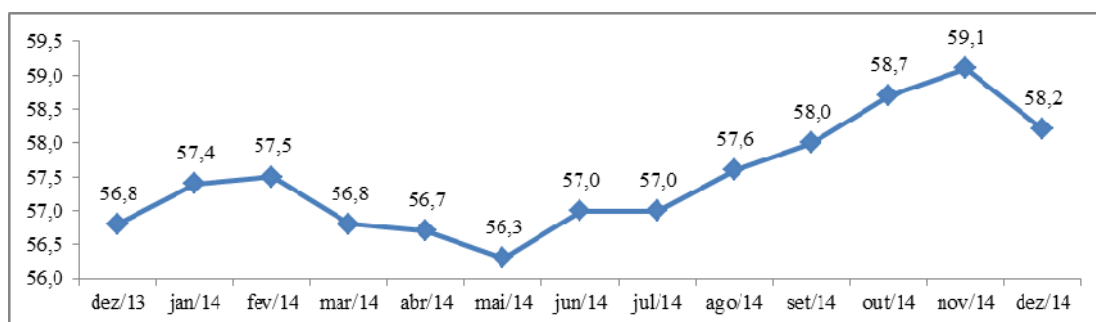
Ressalte-se, ademais, os setores que apresentaram uma forte retração no ritmo de crescimento das vendas: Móveis e Material de construção.

5 MERCADO DE TRABALHO

5.1. Região Metropolitana de Fortaleza

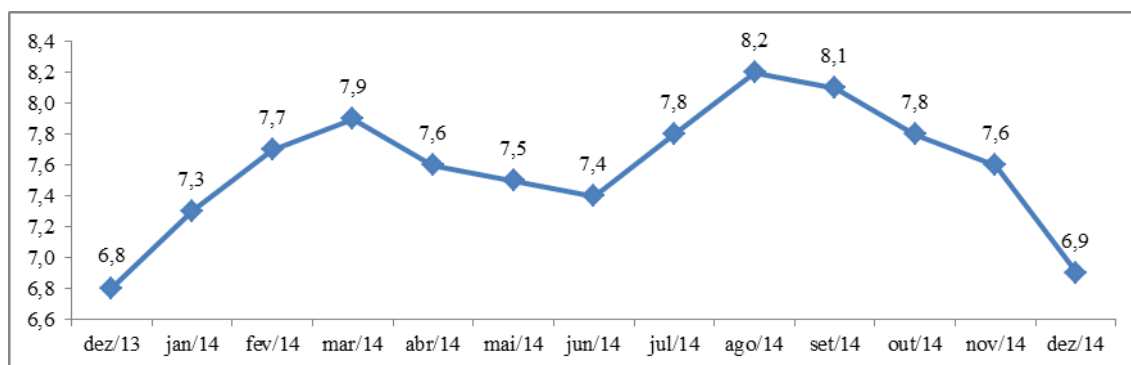
De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada mensalmente pelo SINE-IDT, é possível perceber a evolução da taxa de participação na RMF, dado pela razão entre a População Economicamente Ativa (PEA) e a População em Idade Ativa (PIA).

Em dezembro de 2013, a taxa de participação era de 56,8% da população acima de 10 anos, aumentando esse índice para 58,2% até dezembro de 2014. Isso revela que no período ocorreu aumento do total de pessoas ocupadas e em busca de emprego no período nesta faixa etária. Isso pode sinalizar um maior dinamismo do mercado de trabalho quando um maior número de pessoas aposta na chance de encontrar um novo emprego, revelando um maior grau de confiança na economia local.

Gráfico 5.1: Evolução da taxa de participação – Dez./2013 a Dez./2014 - RMF

Fonte: IDT/Sine-CE e MTE/FAT. Elaboração IPECE.

Outro indicador de extrema importância do mercado de trabalho é a taxa de desemprego, dado pela relação entre o total de pessoas desocupadas sobre o total da população economicamente ativa (PEA), que registrou um leve aumento entre os meses de dezembro de 2013 (6,8%) para dezembro de 2014 (6,9%). Todavia, nos últimos três meses do ano de 2014 ocorreu uma nítida trajetória de queda na taxa de desemprego da região metropolitana de Fortaleza em função, principalmente, da maior demanda por mão de obra típica desse período.

Gráfico 5.2: Evolução da taxa de desemprego total – Dez./2013 a Dez./2014 - RMF

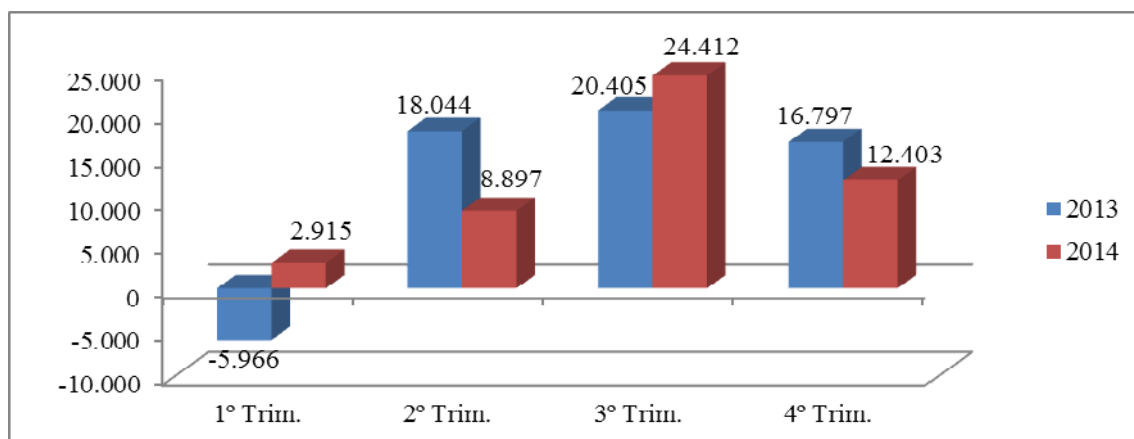
Fonte: IDT/Sine-CE e MTE/FAT. Elaboração IPECE.

5.2. Emprego Formal

Segundo dados divulgados pelo CAGED do MTE, a economia cearense registrou um saldo positivo de 12.403 novos empregos com carteira assinada no quarto trimestre de 2014. Esse número foi metade do registrado no terceiro trimestre do mesmo ano e também inferior ao registrado no quarto trimestre de 2013, quando foram gerados 16.797 novos postos de trabalho com carteira assinada. (Gráfico 5.3).

Conforme também pode ser observado no Gráfico 5.3, o Ceará registrou, no quarto trimestre de 2014, o segundo maior saldo de novos empregos no ano, o que contribuiu para que a criação de novos empregos com carteira assinada ficasse próxima do quantitativo gerado no ano de 2013.

Gráfico 5.3: Evolução do Saldo de Novos Empregos Celetistas – 1º Trim. ao 4º Trim./2013 e 2014 - Ceará



Fonte: CAGED-MTE. Elaboração: IPECE.

Pela análise da Tabela 5.1, é possível notar que apenas cinco estados brasileiros registraram saldo positivo na geração de novos postos de trabalho com carteira assinada, com o estado de Alagoas ocupando a primeira posição no ranking, com 13.487 postos, seguido pelos estados do Ceará (12.403), Paraíba (5.417), Sergipe (1.463) e Piauí (221), todos da região Nordeste do país.

Com isso, é possível notar que a redução do ritmo de geração de novos postos de trabalho na economia cearense não é um fenômeno isolado, uma vez que grande parte dos estados apresentou fechamento de vagas no período. (Tabela 5.1).

Os estados que apresentaram os maiores fechamentos de postos de trabalho foram: São Paulo (-209.994), Minas Gerais (-74.046), Paraná (-43.125), Goiás (-35.270) e Rio Grande do Sul (-25.279). Como efeito negativo tem-se que o país registrou mais que o dobro do fechamento de vagas registrado em igual trimestre do ano passado, passando de -205.471, no quarto trimestre 2013, para - 506.851 no quarto trimestre de 2014. (Tabela 5.1).

Tabela 5.1: Evolução Trimestral do Saldo de Novos Empregos Celetistas – 4º Trim./2013 e 2014 – Estados e Brasil

Estados	4º Trim./2013	4º Trim./2014
Alagoas	20.118	13.487
Ceará	16.797	12.403
Paraíba	5.632	5.417
Sergipe	7.138	1.463
Piauí	1.898	221
Rio Grande do Norte	2.001	-368
Amapá	135	-587
Roraima	34	-887
Rio de Janeiro	23.093	-1.220
Acre	-164	-1.501
Tocantins	530	-3.088
Amazonas	3.706	-3.651
Rondônia	-5.891	-4.823
Espírito Santo	80	-7.633
Maranhão	3.898	-9.667
Mato Grosso do Sul	-4.087	-11.687
Distrito Federal	-2.701	-11.853
Pernambuco	12.044	-13.476
Bahia	3.124	-17.272
Para	2.355	-17.711
Santa Catarina	-10.765	-21.965
Mato Grosso	-13.780	-24.739
Rio Grande do Sul	-5.602	-25.279
Goiás	-27.461	-35.270
Paraná	-26.242	-43.125
Minas Gerais	-66.920	-74.046
São Paulo	-144.441	-209.994
Brasil	-205.471	-506.851

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

Com o efeito negativo da conjuntura nacional, presente ao longo do ano de 2014, a geração de novos postos de trabalho foi quase um terço da observada em igual período do ano passado, revelando uma forte desaceleração no ritmo de criação de novas vagas de trabalho no mercado formal brasileiro.

Alguns estados chegaram a registrar perda acumulada de postos de trabalho no ano de 2014, com Pernambuco liderando esse ranking (-6.787 postos), seguido por outros quatro estados: Amazonas (-4.217 postos), Alagoas (-2.481 postos), Rondônia (-1.317 postos) e Amapá (-919 postos).

Por outro lado, os estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Ceará ocuparam as três melhores posições no ranking nacional de geração de novos postos de trabalho com carteira assinada.

Com isso, apesar da crise macroeconômica que se abateu sobre o país o estado do Ceará ainda deu sua contribuição positiva para o mercado de trabalho nacional, não muito distante dos dois melhores colocados no ranking nacional que apresentam economias mais ricas que a economia cearense. Vale notar, ainda, dentre os três principais colocados, o Ceará manteve uma certa estabilidade na geração de novos postos de trabalho celetista ao longo dos últimos dois anos, fruto de características da economia local, fortemente voltada para o setor de serviços.

Tabela 5.2: Evolução Anual do Saldo de Novos Empregos Celetistas – 2013 e 2014 – Estados e Brasil

Estados	2013	2014
Rio de Janeiro	101.419	58.674
Santa Catarina	75.376	52.977
Ceará	49.280	48.627
Paraná	89.071	39.772
São Paulo	264.084	35.158
Goiás	61.268	28.218
Bahia	52.454	24.552
Rio Grande do Sul	90.950	24.018
Paraíba	14.760	17.593
Para	29.062	16.532
Rio Grande do Norte	10.524	13.870
Piauí	11.808	12.395
Minas Gerais	86.591	12.266
Espírito Santo	19.774	10.521
Distrito Federal	19.880	10.442
Sergipe	13.658	9.257
Tocantins	6.583	8.232
Mato Grosso	26.074	3.573
Maranhão	15.235	3.437
Roraima	-123	2.214
Acre	1.899	1.298
Mato Grosso do Sul	20.613	479
Amapá	3.037	-919
Rondônia	-3.588	-1.317
Alagoas	-1.159	-2.481
Amazonas	24.120	-4.217
Pernambuco	28.424	-6.787
Brasil	1.111.074	418.384

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

Por fim, ao se realizar uma análise mais detalhada da geração de novos empregos na economia cearense por setores, nota-se que dos oito setores investigados, apenas três registraram saldos positivos no quarto trimestre de 2014, tendo o setor de Comércio a liderança desse movimento, com 11.350 novas vagas abertas naquele período, seguido pelos setores de Serviços com 5.693 novas vagas e de Serviços Industriais de Utilidade Pública com 103 novas vagas. Este último setor é formado pelas atividades de produção e distribuição de

Energia, Água e Esgoto e Gás. Isso reforça a importância que os setores de Serviço e Comércio possuem para a economia local.

Dentre os setores que registraram perda de postos de trabalho no quarto trimestre de 2014 destacam-se: a Construção Civil (-2.004 vagas); Indústria de Transformação (-1.868 vagas); e Agropecuária, Extr. Vegetal, Caça e Pesca (-707 vagas). O primeiro setor vem enfrentando alguns problemas ao longo do ano devido à redução na demanda por novos empreendimentos. Já os outros dois setores foram bastante influenciados por fatores sazonais e a indústria vem também enfrentando problemas na formação de expectativas positivas com relação ao cenário futuro nacional. (Tabela 5.3).

Tabela 5.3: Evolução Trimestral do Saldo de Novos Empregos Celetistas por Setores – 4º Trim./2013 e 2014 – Ceará

Setores	4º Trim./2013	4º Trim./2014
Extrativa mineral	86	-53
Indústria de transformação	-484	-1.868
Serviços Industriais de Utilidade Pública	85	103
Construção Civil	1.596	-2.004
Comércio	9.700	11.350
Serviços	6.488	5.639
Administração Pública	5	-57
Agropecuária, extr. vegetal, caça e pesca	-679	-707
Ceará	16.797	12.403

Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

No acumulado do ano, apenas três setores, Indústria de transformação (-782 vagas); Extrativa mineral (-240 vagas) e Administração pública (-19 vagas) registraram perda de postos de trabalho. (Tabela 5.4).

Já os setores de Serviços (+26.088 vagas), Comércio (+12.379 vagas) e Construção Civil (+8.991 vagas) foram os que mais geraram vagas de trabalho na economia local, com o primeiro e o último tendo registrado saldo superior na comparação dos anos de 2013 e 2014. Por outro lado, é nítido o efeito do ritmo de desaceleração na produção industrial sobre a geração de novos postos de trabalho na economia cearense.

Tabela 5.4: Evolução Anual do Saldo de Novos Empregos Celetistas por Setores – 2013 e 2014 – Ceará

Setores	2013	2014
Extrativa mineral	467	-240
Indústria de transformação	6.916	-782
Serviços Industriais de Utilidade Pública	533	749
Construção Civil	6.952	8.991
Comércio	13.243	12.379
Serviços	20.028	26.088
Administração Pública	-69	-19
Agropecuária, extr. vegetal, caça e pesca	1.210	1.461
Ceará	49.280	48.627

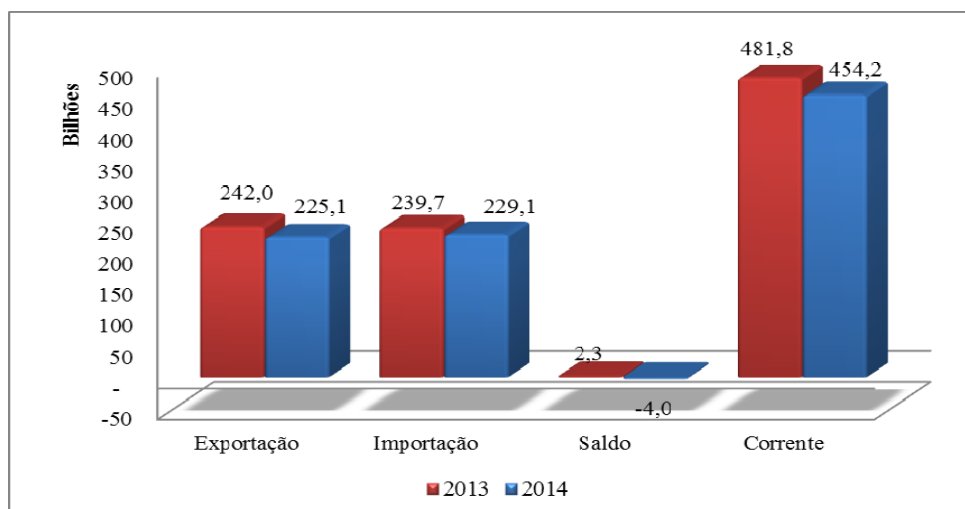
Fonte: CAGED-MTE. Elaboração IPECE.

6 COMÉRCIO EXTERIOR

No acumulado de 2014, o valor das exportações brasileiras registrou um comportamento insatisfatório, o pior desempenho já alcançado desde 2011, atingindo um montante de US\$ 225,10 bilhões, apresentando uma queda significativa de 7,0%, comparada ao ano de 2013, de acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Isso, em parte, ocorreu devido às quedas nas demandas das *commodities* de minério de ferro, açúcar e etanol, veículos automotores, tratores e suas partes. Esse agravamento foi influenciado principalmente pela queda do último trimestre de 2014, de 18,44% com relação ao terceiro trimestre de 2014.

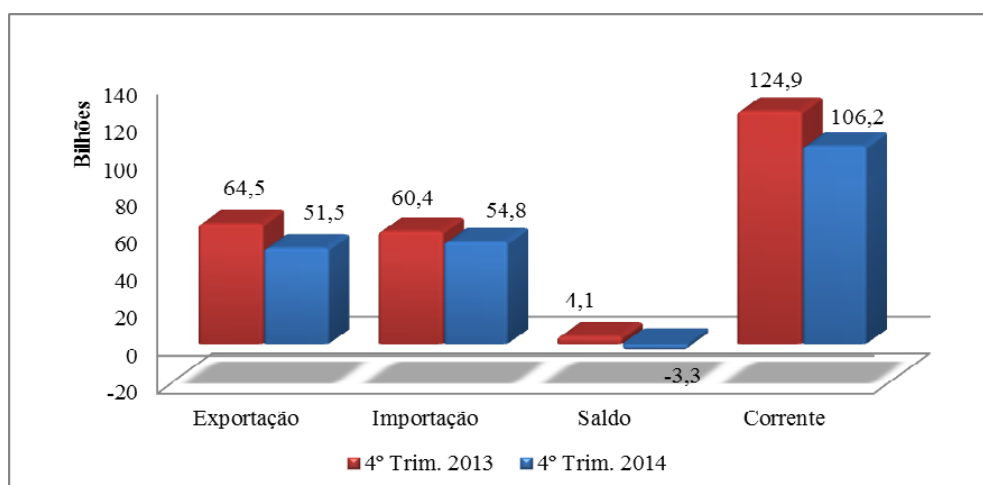
Já as importações brasileiras somaram US\$ 229,14 bilhões, com queda de 4,4% sobre o mesmo período anterior de 2013. Diante desses valores, o saldo da balança comercial encerrou o ano de 2014 com déficit de US\$ 4,04 bilhões, contra um superávit de US\$ 2,40 bilhões, registrado em 2013. A corrente de comércio alcançou o valor de US\$ 454,24 bilhões, representando queda de 5,7% sobre o mesmo período anterior.

O encolhimento das exportações no período de janeiro a dezembro de 2014 ocorreu devido à política de controle praticada pelo governo via represamento de preços e desonerações tributárias como do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Outro fator que diminuiu a rentabilidade nos embarques totais, além da queda nos preços médios das exportações e a elevação de custo de produção, na comparação com os mesmos meses do ano anterior, foi o câmbio nominal. Os setores de agricultura e pecuária, de extração de minerais metálicos e a indústria de alimentos perderam rentabilidade nos embarques e contribuíram para o declínio na margem de lucro das exportações totais no acumulado do ano.

Gráfico 6.1: Balança Comercial Brasileira (US\$ Bilhões – FOB) – 2013 - 2014

Fonte: SECEX / MDIC. Elaboração: IPECE.

No 4º trimestre de 2014, a balança comercial brasileira apresentou um déficit de 3,235 bilhões, com queda de 178,4% com relação ao mesmo período de 2013, conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). As exportações nacionais neste período alcançaram o valor de US\$ 51,466 bilhões, registrando retração de 20,24%, quando comparadas ao mesmo período de 2013. Sobre as importações, o montante registrado foi de US\$ 54,701 bilhões, com surpreendente retração de 9,43% sobre igual período. A corrente de comércio atingiu o valor de US\$ 106,167 bilhões, com queda de 15% com relação ao mesmo período do ano anterior, quando totalizou US\$ 124,928 bilhões.

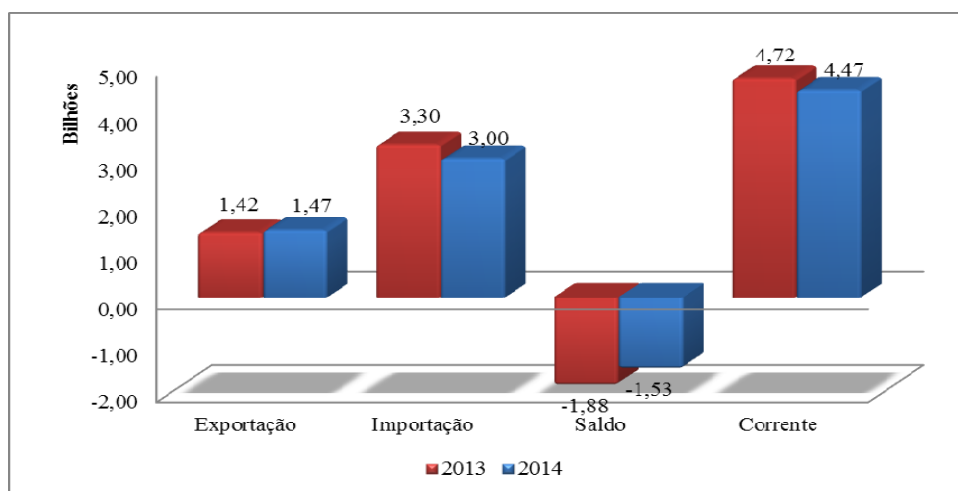
Gráfico 6.2: Balança Comercial Brasileira (US\$ bilhões – FOB) 4º trimestre 2013-2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

No que se refere às exportações cearenses em 2014, estas surpreenderam as expectativas e alcançaram um montante recorde de US\$ 1,47 bilhão, expressando um crescimento de 3,57%

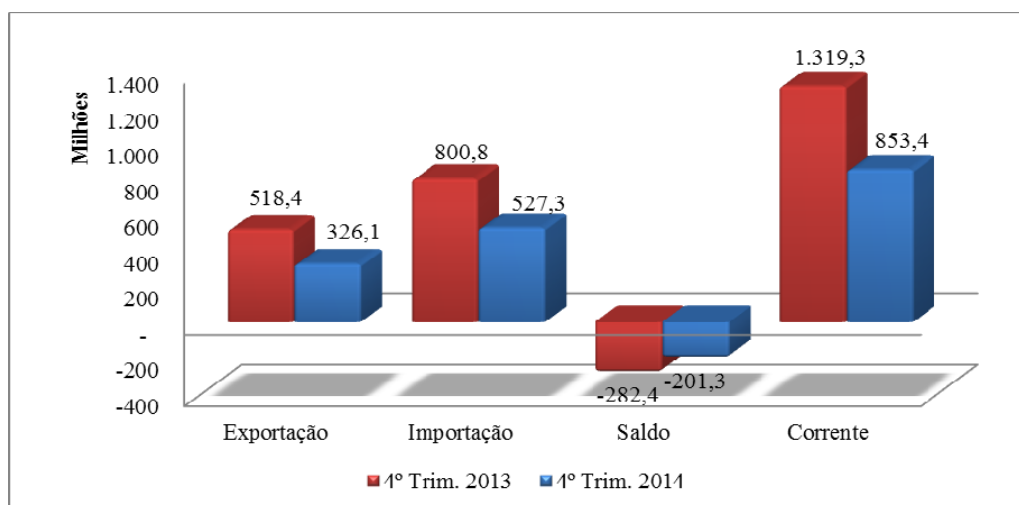
em relação ao ano de 2013. As importações, por sua vez, totalizaram o valor de US\$ 3,00 bilhões apresentando uma queda de 9,08% comparada ao ano anterior. Com esse desempenho, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 1,53 bilhão em 2014, mantendo a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2014 com o valor de US\$ 4,47 bilhões, com retração de 5,28% frente ao ano de 2013.

Gráfico 6.3: Balança Comercial Cearense (US\$ Bilhões - FOB) – 2013 - 2014



Fonte: SECEX/ MDIC. Elaboração IPECE.

No tocante a balança comercial cearense neste 4º trimestre de 2014, o panorama não diverge muito do cenário nacional. As exportações cearenses atingiram o valor de US\$ 326,06 milhões, com expressiva retração de 37,11% em relação ao mesmo período de 2013. Esse resultado foi influenciado principalmente pela queda de alguns produtos, entre eles: *castanha de caju, têxteis, máquinas, equipamentos e lagosta*. Da mesma forma, o valor das importações apresentou uma queda significativa de 34,15% frente ao mesmo período do ano anterior e totalizaram um montante de US\$ 527,32 milhões. Com esse comportamento, o saldo da balança comercial cearense apresentou um déficit de US\$ 201,26 milhões. Diante desses resultados, a corrente de comércio alcançou o valor de US\$ 853,38 milhões, o menor já registrado desde 2010 em relação ao mesmo período.

Gráfico 6.4: Balança Comercial Cearense (US\$ Milhões – FOB) – 4º Trimestre 2013-2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Exportações

A pauta de exportação cearense, no quarto trimestre de 2014, foi liderada pelo grupo de *Calçados e partes*, que representou 28,99%, mais de um quarto de tudo que foi exportado pelo estado nesse período, totalizando o valor de US\$ 94,51 milhões. Comparado ao mesmo período do ano anterior, notou-se um acréscimo de 5,88% nas vendas desse produto.

O grupo de *Frutas (exclusive castanha de caju)* ficou em segundo lugar, com a quantia exportada de US\$ 60,04 milhões, respondendo por 18,41% da pauta exportadora cearense, com destino, principalmente, aos Países Baixos (Holanda), Reino Unido e Espanha. Mesmo ocupando o segundo lugar da pauta exportadora, as vendas externas desse grupo aumentaram 6,59% em comparação ao quarto trimestre de 2013.

Em terceiro lugar veio *Couros e peles*, com a quantia exportada de US\$ 50,02 milhões, com participação de 15,34% das vendas externas, obtendo um incremento de 2,32% em relação ao mesmo período do ano anterior. Seus maiores compradores foram Hungria, Hong Kong e Estados Unidos. Em quarto e quinto lugares ficaram, respectivamente, *Ceras vegetais*, com valor de US\$ 23,11 milhões (7,09%) e *Castanha de caju*, com US\$ 21,75 milhões (6,67%).

A principal via de escoamento dos principais produtos cearenses nesse quarto trimestre de 2014 continuou sendo a marítima (89,68%). O porto do Pecém ainda é o principal porto de exportações do Estado, com 33,41% do total, seguido pelo porto de Fortaleza, com 23,47%.

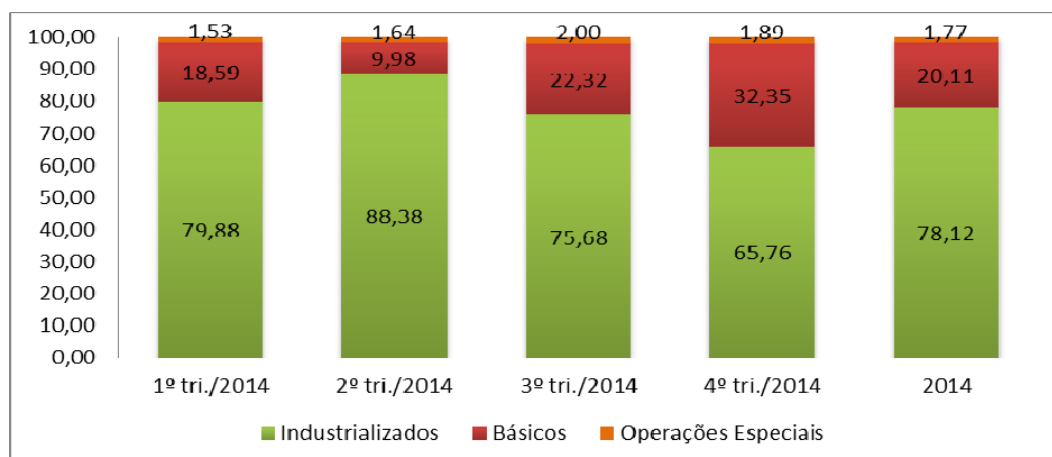
Tabela 6.1: Principais Produtos Exportados – 4º Trimestre – 2013 - 2014 (US\$ FOB)

Principais Produtos	2013		2014		Var. (%) 14/13
	US\$ (FOB)	Part. %	US\$ (FOB)	Part. %	
Calçados e suas Partes	89.267.319	17,22	94.514.749	28,99	5,88
Frutas (Exclusive Castanha De Caju)	56.324.626	10,86	60.037.714	18,41	6,59
Couros e Peles	48.889.184	9,43	50.022.698	15,34	2,32
Ceras Vegetais	12.852.892	2,48	23.116.125	7,09	79,85
Castanha de Caju, Fresca Ou Seca, Sem Casca	28.816.172	5,56	21.751.754	6,67	-24,52
Lagosta	15.605.046	3,01	14.808.309	4,54	-5,11
Preparações Alimentícias Diversas	14.824.731	2,86	14.396.733	4,42	-2,89
Têxteis	10.896.315	2,10	9.542.825	2,93	-12,42
Máquinas e equipamentos	14.934.317	2,88	8.505.516	2,61	-43,05
Consumo de Bordo	5.385.678	1,04	6.161.487	1,89	14,41
Demais Produtos	220.635.492	42,56	23.204.584	7,12	-89,48
Ceará	518.431.772	100,00	326.062.494	100,00	-37,11

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

A participação das exportações de produtos básicos no quarto trimestre de 2014 foi mais representativa (32,35%) em comparação ao restante do ano, apresentando, no entanto, queda de 10,22% em relação ao quarto trimestre de 2013. Houve crescimento das exportações desse setor no terceiro e quarto trimestres de 2014, em relação aos anteriores, fazendo com que no acumulado do ano a participação desse segmento no total das exportações cearenses alcance 20,11%. (Gráfico 6.5).

Já as exportações de produtos industrializados representaram 65,76% do total no quarto trimestre de 2014, perdendo participação ao longo do ano, por conta da queda nas vendas externas. No acumulado de janeiro a dezembro, a participação desse setor atingiu 78,12%.

Gráfico 6.5: Participação das Exportações Cearenses por Fator Agregado (%) – 2014

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Três foram os principais destinos que se destacaram por sua representatividade nas exportações cearenses. Os Estados Unidos continuam sendo um dos principais portos de destino dos nossos produtos exportados, embora essa participação venha caindo. No quarto trimestre de 2014, os EUA compraram US\$ 64,59 milhões, com queda de 6,95% nas vendas do quarto trimestre de 2014 em relação ao mesmo período de 2013. Sua participação no Estado foi de 19,81% do total. Em segundo lugar aparecem os Países Baixos (Holanda) que importou do Ceará o equivalente a US\$ 35,97 milhões, representando 11,03% das vendas externas do Estado. O Reino Unido veio em terceiro lugar no destino das exportações cearenses, com receita de US\$ 22,30 milhões, apresentando crescimento de 12,60% em comparação ao mesmo período de 2013 e participação de 6,84% das vendas externas do Ceará no quarto trimestre de 2014.

Tabela 6.2: Principais Destinos das Exportações - 4º Trimestre de 2013-2014 (US\$ FOB)

Principais Países	2013		2014		Var. (%) 14/13
	US\$ (FOB)	Part. %	US\$ (FOB)	Part. %	
Estados Unidos	69.419.524	13,39	64.591.512	19,81	-6,95
Países Baixos (Holanda)	66.737.511	12,87	35.976.943	11,03	-46,09
Reino Unido	19.808.004	3,82	22.304.317	6,84	12,60
Espanha	15.126.459	2,92	16.156.224	4,95	6,81
Argentina	21.421.438	4,13	15.722.327	4,82	-26,60
Itália	20.578.774	3,97	14.340.545	4,40	-30,31
China	21.342.462	4,12	13.637.746	4,18	-36,10
Hungria	6.965.245	1,34	12.000.738	3,68	72,29
Alemanha	16.824.960	3,25	11.721.789	3,59	-30,33
Paraguai	7.461.821	1,44	10.561.750	3,24	41,54
Demais Países	252.745.574	48,75	109.048.603	33,44	-56,85
Ceará	518.431.772	100,00	326.062.494	100,00	-37,11

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Importações

No quarto trimestre de 2014, as importações brasileiras retraíram 9,43% comparadas ao mesmo período de 2013. O mesmo foi verificado para as importações cearenses que, neste quarto trimestre, decresceram ainda mais, 34,15% em relação ao mesmo período do ano anterior.

No rol das importações do Estado com relação ao 4º trimestre de 2014, três produtos se destacaram pela sua relevância: máquinas e equipamentos, produtos metalúrgicos e produtos químicos. O grupo de máquinas e equipamentos foi o primeiro colocado nas importações do Estado, com valor de US\$ 91,63 milhões, consistindo em 17,38% do total das importações, apresentando alta de 5,87% em relação ao mesmo período de 2013. Em segundo lugar, vieram os produtos metalúrgicos, cujo valor importado atingiu a quantia de US\$ 87,51 milhões, com participação de 16,60% da pauta, apresentando uma redução de 51,81% sobre o 4º trimestre de 2013. Produtos químicos ficaram em terceiro lugar, com valor de US\$ 84,78 milhões, ou 16,08% do total, ampliando em 41,45% suas importações em relação ao mesmo período de 2013.

Tabela 6.3: Principais Produtos Importados – 4º Trimestre 2013-2014 (US\$-FOB)

Principais Produtos	2013		2014		Var. (%) 14/13
	US\$ (FOB)	Part. %	US\$ (FOB)	Part. %	
Máquinas e equipamentos	86.558.111	10,81	91.635.618	17,38	5,87
Produtos Metalúrgicos	181.606.338	22,68	87.513.998	16,60	-51,81
Produtos Químicos	59.939.500	7,48	84.785.873	16,08	41,45
Têxteis	32.202.960	4,02	52.069.580	9,87	61,69
Combustíveis Minerais	195.003.583	24,35	43.858.482	8,32	-77,51
Trigos	69.683.525	8,70	35.513.748	6,73	-49,04
Plásticos E Suas Obras	21.594.994	2,70	24.567.433	4,66	13,76
Óleo De Dendê	21.671.062	2,71	12.344.899	2,34	-43,04
Papel, Cartão e Suas Obras	7.771.505	0,97	10.599.053	2,01	36,38
Aeronaves E Aparelhos Espaciais e Suas Partes	46.212.676	5,77	10.528.061	2,00	-77,22
Demais Produtos	78.580.051	9,81	73.899.573	14,01	-5,96
Ceará	800.824.305	100,00	527.316.318	100,00	-34,15

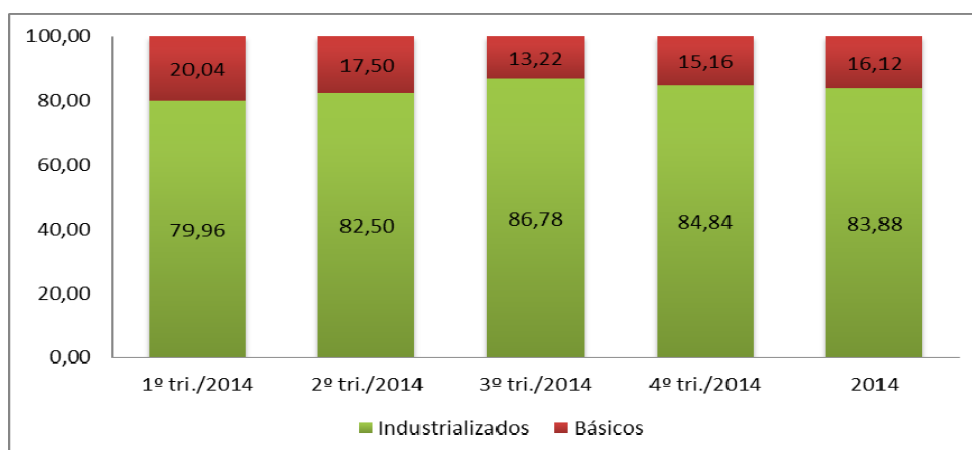
Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

Com relação à importação por fator agregado, observa-se no período analisado um comportamento semelhante, mostrando que a pauta importadora do Estado é composta principalmente por produtos industrializados.

A importação de produtos básicos durante 2014 perdeu participação nos três primeiros trimestres do ano, recuperando-se no quarto trimestre, quando representou 15,16% das compras realizadas pelo Estado. No entanto, houve retração de 15,00% nas compras desses produtos, relativamente ao quarto trimestre de 2013. No ano, o Ceará importou US\$ 484,03 milhões em produtos básicos, o que representou 16,12% do total.

Já os Produtos industrializados aumentaram sua participação ao longo do ano. Contudo, no quarto trimestre de 2014, perdeu participação em relação ao trimestre imediatamente anterior, representando 84,84% das compras do Estado e apresentou queda de 36,70% nas importações em relação ao mesmo período de 2013. No acumulado do ano, as compras externas de industrializados foram de US\$ 2,52 bilhões, ou 83,88% da pauta cearense.

Gráfico 6.6: Participação das Importações Cearenses por Fator Agregado (%) – 2014



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

No 4º trimestre de 2014, as compras externas cearenses vieram, principalmente, da China, totalizando US\$ 160,70 milhões, valor 3,35% inferior ao mesmo período de 2013. Em seguida aparece os Estados Unidos, com valor de US\$ 52,88 milhões, significando uma retração de 48,54% em relação ao 4º trimestre de 2013. O valor importado da Colômbia alcançou o montante de US\$ 39,00 milhões, apresentando um crescimento de 68,33% em relação ao mesmo trimestre de 2013. Esses três países representaram 47,90% do total importado pelo Ceará no período.

Tabela 6.4: Principais Origens dos Produtos Importados 4º Trimestre -2013-2014

Principais Países	2013		2014		Var.(%) 14/13
	US\$ (FOB)	Part.%	US\$ (FOB)	Part.%	
China	166.279.005	20,76	160.703.181	30,48	-3,35
Estados Unidos	102.760.600	12,83	52.881.981	10,03	-48,54
Colômbia	23.172.502	2,89	39.005.807	7,40	68,33
Coreia Do Sul	58.540.871	7,31	35.810.534	6,79	-38,83
Índia	22.026.334	2,75	24.383.410	4,62	10,70
Alemanha	65.217.367	8,14	19.640.884	3,72	-69,88
Indonésia	19.042.542	2,38	19.084.048	3,62	0,22
Canadá	25.258.446	3,15	18.263.183	3,46	-27,69
Argentina	13.188.153	1,65	17.192.525	3,26	30,36
Espanha	47.630.995	5,95	14.324.244	2,72	-69,93
Demais Países	257.707.490	32,18	126.026.521	23,90	-51,10
Ceará	800.824.305	100,00	527.316.318	100,00	-34,15

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE.

7 FINANÇAS PÚBLICAS

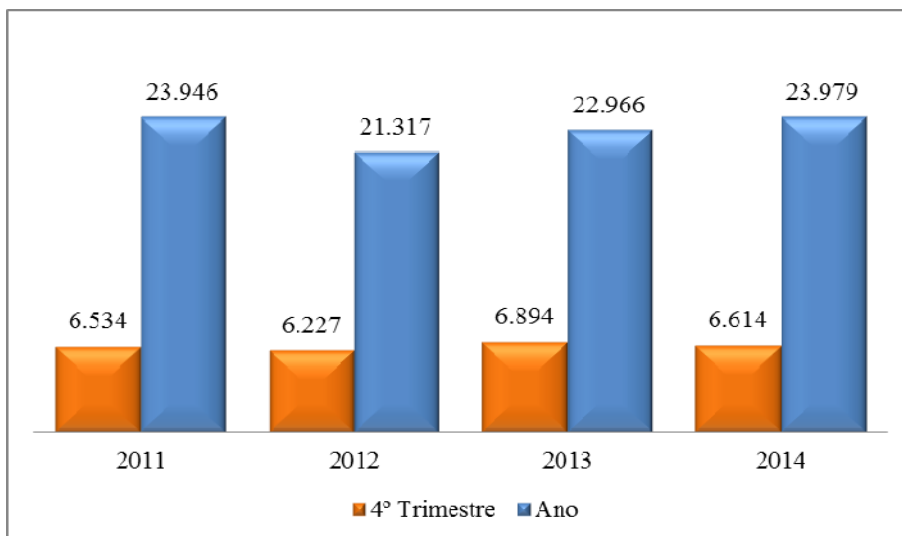
7.1 Resultado Fiscal

No acumulado até outubro de 2014 o Estado apresentou um superávit primário, diferença entre receitas correntes e despesas correntes, de R\$ 894 milhões, segundo dados da SEFAZ/CE (Secretaria da Fazenda do Ceará). No mesmo período de 2013, houve um superávit primário da ordem de R\$ 1.357 milhões.

7.2 Receitas

Como pode ser observado no Gráfico 7.1 as receitas estaduais totalizaram R\$ 6.614 milhões, no quarto trimestre de 2014, representando um decréscimo real de 4% em relação ao quarto trimestre de 2013. Entretanto, observando-se o comportamento das receitas acumuladas no ano constata-se um crescimento de 4,4% com relação ao ano anterior, sendo esse resultado influenciado pelo crescimento das receitas do primeiro trimestre, que cresceram, aproximadamente, 8,4%, quando comparadas ao ano anterior.

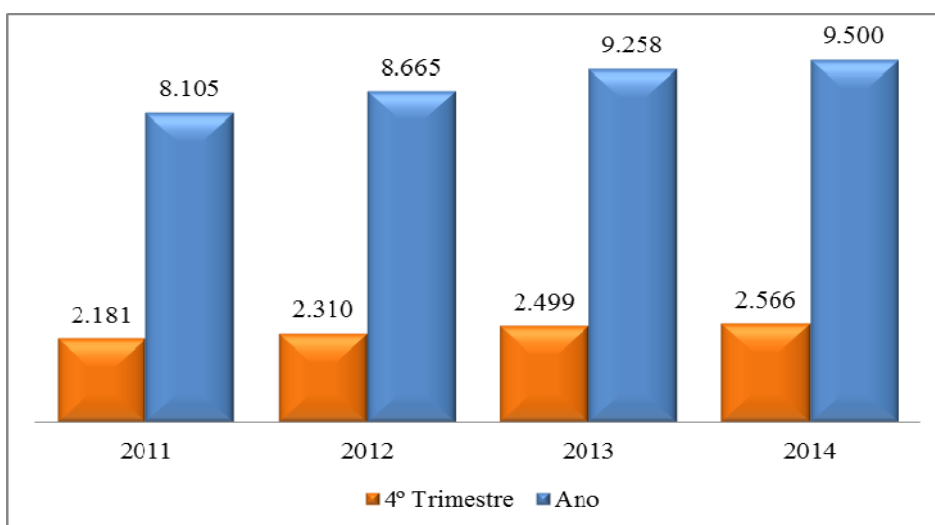
Essa queda das receitas orçamentárias no último trimestre de 2014 sinaliza para maiores restrições orçamentárias que o estado deverá presenciar no ano de 2015, cujas expectativas iniciais aponta para queda de receitas na arrecadação federal que, por consequência, deverão afetar os repasses do FPE para os estados.

Gráfico 7.1: Receita Orçamentária Total a preços constantes, Ceará – 2011 -2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

Quanto à arrecadação de ICMS (Imposto sobre Circulação de Bens e Serviços), é possível constatar pela inspeção do Gráfico 7.2 sua tendência de crescimento ao longo do período, registrando um crescimento de 17,6%, entre o quarto trimestre de 2011 e idêntico período de 2014. Destaque-se, ainda, as receitas de ICMS de 2014 que foram, aproximadamente, 2,6% superiores às de 2013.

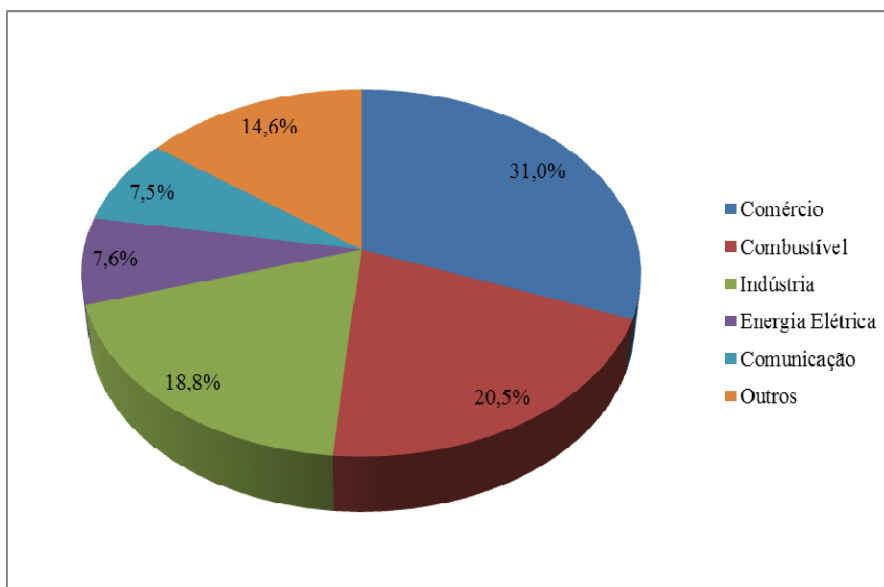
Gráfico 7.2: ICMS a preços constantes, Ceará – 2011-2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

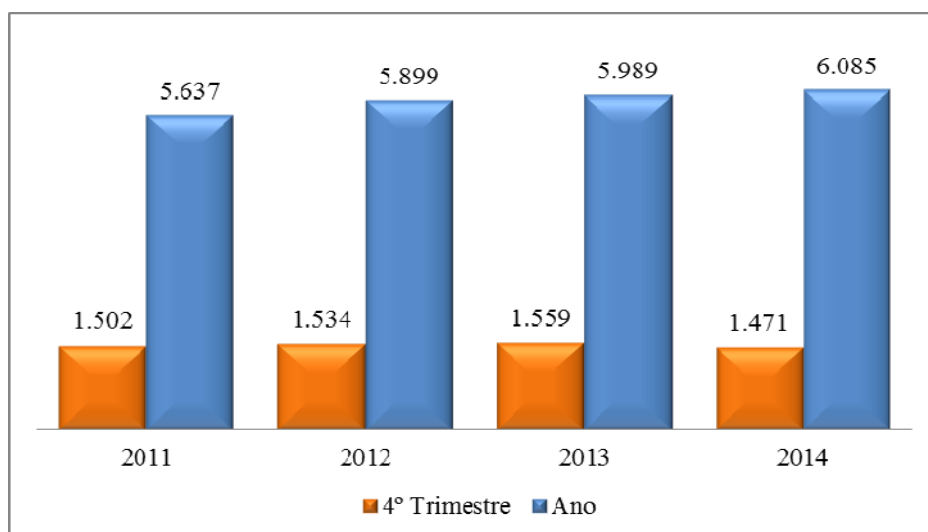
Em relação à composição do ICMS para o ano de 2014, constata-se, no Gráfico 7.3, que comércio e combustíveis respondiam por 51,5% da arrecadação total, em 2014, e a indústria por 18,8%.

Gráfico 7.3: Composição do ICMS – Ceará - 2014



Fonte: Sefaz. Elaboração IPECE.

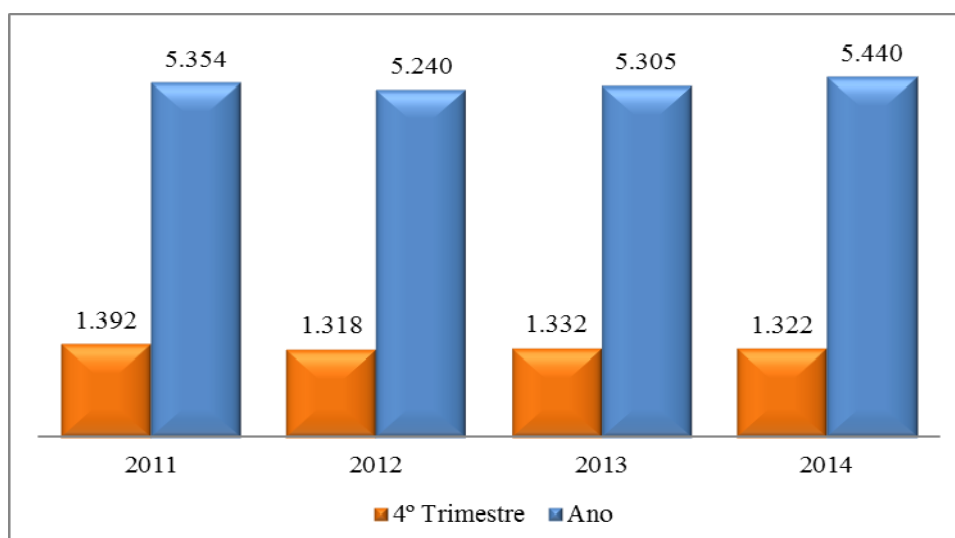
Relativamente às transferências de recursos da União para o Ceará foram transferidos R\$ 1.471 milhões no quarto trimestre de 2014, como pode ser constatado no Gráfico 7.4, havendo um decréscimo real de 5,6%, em relação a idêntico período de 2013. É interessante observar, entretanto, que houve um crescimento real de, aproximadamente, 1,6% nas transferências da União no ano de 2014, esse fato é uma decorrência do incremento das transferências da União verificados até o terceiro trimestre de 2014, que, até setembro de 2014, apresentaram-se 4,1% superiores ao valor verificado até setembro de 2013.

Gráfico 7.4: Transferências da União a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), cujo valor atingiu R\$ 1.322 milhões no quarto trimestre de 2014, sendo responsável por, aproximadamente, 89,8% do total das transferências da União para o Estado. (Gráfico 7.5). Em termos reais, verificou-se uma estagnação dessa fonte de receitas quando comparada a 2013, que pode ser atribuída ao fraco desempenho da economia brasileira em 2014, que terminou prejudicando a arrecadação do imposto de renda e do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

Gráfico 7.5: Fundo de Participação dos Estados a preços constantes - Ceará - 2011 -2014 (*)

Fonte:Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

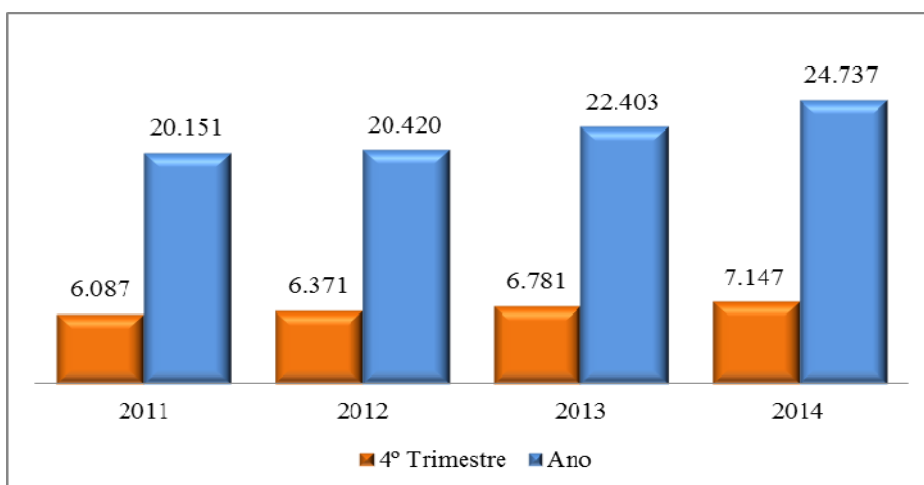
(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

Deve-se chamar a atenção para a queda nos repasses da União, verificada no último trimestre de 2014, pois espera-se que ocorra uma queda na arrecadação federal em 2015 e, dessa forma, as transferências para os estados, de uma forma geral, sejam reduzidas, afetando diretamente as finanças públicas do Estado do Ceará.

7.3 Despesas

As despesas totais do governo estadual alcançaram, no quarto trimestre de 2014, o montante de R\$ 7.147 milhões, significando um crescimento real de 5,4% em relação a idêntico período de 2013. (Gráfico 7.6). É interessante observar que a despesa total de 2014 foi 10,4% superior àquela verificada em 2013, ou seja, a aceleração do gasto público verificada em 2013 perdurou no ano de 2014. Em termos de participação, no último trimestre de 2014, os principais componentes da Despesa Total do Estado foram Pessoal e Encargos Sociais (37,6%), Outras Despesas Correntes (42,6%) e Investimentos (14,3%).

Gráfico 7.6: Despesa Total a preços constantes – Ceará – 2011 -2014 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

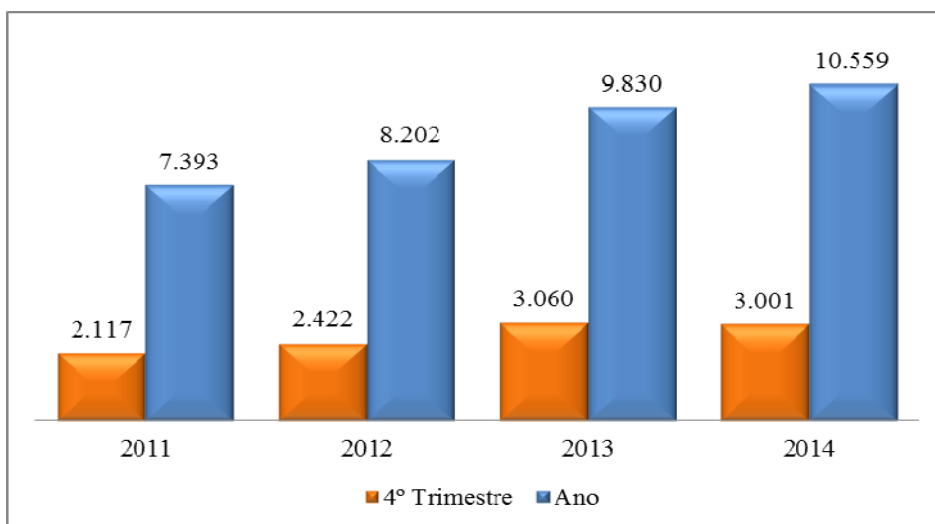
Analisando-se os gastos com pessoal do Estado do Ceará, que são apresentados no Gráfico 7.7, observa-se que, no final de 2014, esta conta totalizou R\$ 2.568 milhões, representando um crescimento real de 3,3%, quando comparado a idêntico período de 2013. Já no acumulado do ano é possível constatar um crescimento de 3,7% na despesa com pessoal.

Gráfico 7.7: Despesas com Pessoal e Encargos Sociais (%) – Ceará – 2011 -2014

Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

As Outras Despesas Correntes (Gráfico 7.8), totalizaram, no quarto trimestre de 2014, R\$ 3.001 milhões, registrando um decréscimo real de 2,0% em relação a idêntico período de 2013. Entretanto, ao se comparar 2013 com 2014, constata-se que essa despesa cresceu 7,4% entre esses dois anos.

Gráfico 7.8: Outras Despesas Correntes – Ceará – 2011 -2014 (*)

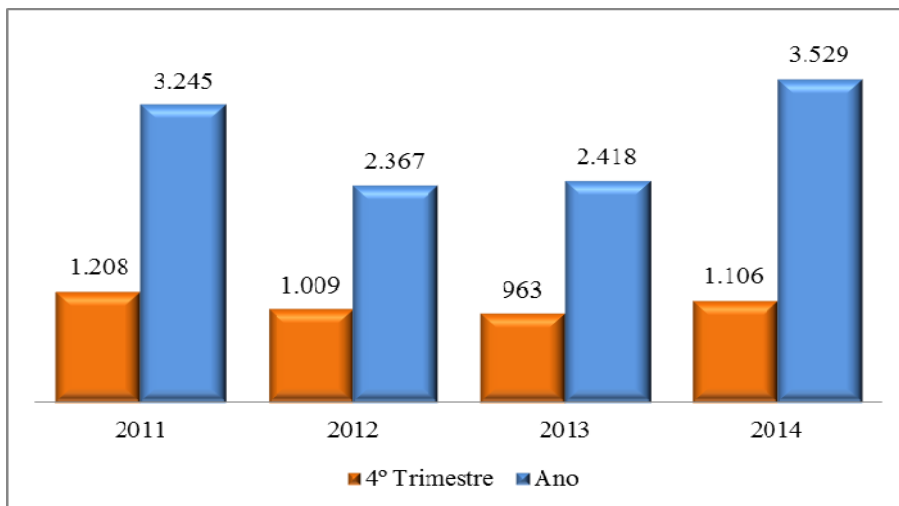
Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

Em relação às despesas com Investimentos, conforme apresentado no Gráfico 7.9, verifica-se que, no quarto trimestre de 2014, houve um gasto de R\$ 1.106 milhões, representando um crescimento real de, aproximadamente, 14,8% em relação ao mesmo período de 2013.

Comparando-se o ano de 2014 com o de 2013, constata-se que o crescimento da despesa com investimentos foi de 14,6% no ano.

Gráfico 7.9: Despesas com Investimentos – Ceará – 2011 -2014 (*)



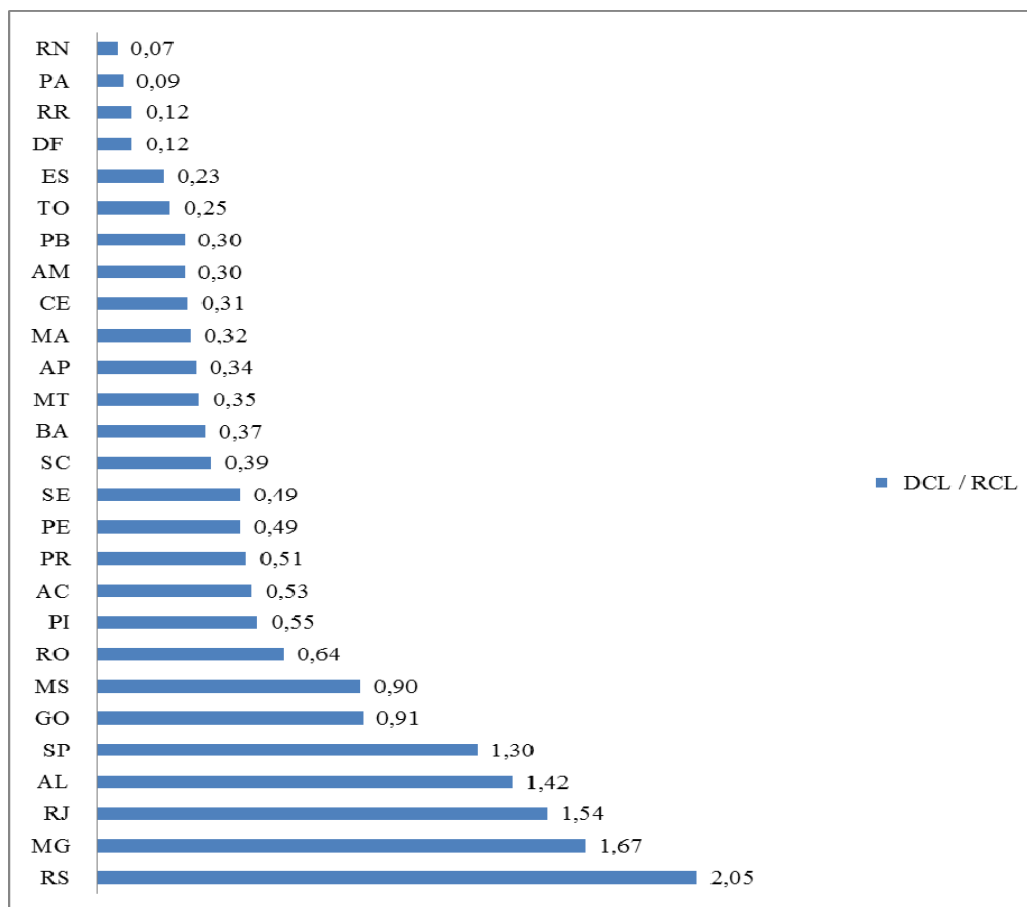
Fonte: Sefaz-Sic/Smart. Elaboração IPECE.

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços do 4º trimestre de 2014.

7.4 Dívida

O Estado do Ceará encerrou o segundo quadrimestre de 2014 com uma Dívida Consolidada Líquida em R\$ 4.367 milhões. A relação Dívida Consolidada Líquida/Receita Corrente Líquida (DCL/RCL) atingiu o patamar de 0,31 no final do segundo quadrimestre de 2014, posicionando-se entre os mais baixos da Federação e bem abaixo do limite de endividamento que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida, que considera o conceito de dívida consolidada líquida, da qual exclui os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43, de 2001 do Senado Federal. Além do baixo nível de endividamento somado ao alto gasto com investimento, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

No âmbito nacional, o Gráfico 7.10, abaixo, mostra o nível de endividamento dos estados, com o Ceará destacando-se com uma das menores relações. Na região Nordeste, o Ceará tem a segunda menor relação DCL/RCL, com um índice de 0,23 no final do primeiro quadrimestre de 2014.

Gráfico 7.10: Dívida Consolidada Líquida em relação à Receita Corrente Líquida, Estados da Federação – 2º Quadrimestre de 2014 (*)

Fonte: STN – Secretaria do Tesouro Nacional. Elaboração IPECE.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o Fundo Monetário Internacional (FMI), na publicação do *World Economic Outlook Update* de janeiro de 2015, o crescimento econômico mundial foi de 3,3% em 2014, influenciado, principalmente, pelo desempenho da economia americana, com taxa de 2,4%. A recuperação de alguns países europeus também contribuiu positivamente para o resultado econômico global, a destacar Alemanha e Espanha, bem como as economias asiáticas, como a Coreia, Índia e China, embora esse último venha apresentando um ritmo de desaceleração em sua economia.

Por outro lado, a expansão do PIB no quarto trimestre de 2014 para os países em desenvolvimento tiveram taxas inferiores às registradas com relação ao mesmo período de 2013, a exceção da Índia que obteve melhor resultado, com taxa de 7,53% no quarto trimestre,

segundo a OECD. A China registrou crescimento de 7,3%, enquanto o Brasil apresentou queda de 0,2%.

A economia brasileira registrou uma leve alta em 2014 (0,1%), o que acaba se configurando em um cenário de estagnação. De fato, este é o mais baixo resultado para a economia nacional desde a crise internacional de 2009, onde a economia havia recuado 0,2%. No quarto trimestre do ano, o crescimento foi de 0,3%, puxado pelo setor agropecuário, que cresceu 1,8%.

A retomada dos investimentos é condição indispensável para a retomada do crescimento econômico. Para tanto, é essencial que a política macroeconômica, via um ajuste crível, restabeleça a credibilidade do setor público, ampliando os horizontes dos agentes privados e, assim, reduzindo a incerteza de longo prazo.

No quarto trimestre de 2014 com relação ao mesmo período de 2013, a economia cearense apresentou uma taxa de crescimento de 2,70%, sendo a décima nona taxa trimestral consecutiva superior à taxa da economia brasileira. Com esse resultado, o PIB cearense registrou um crescimento de 4,36% em 2014.

A agropecuária cearense, no ano de 2014, obteve ganhos e perdas, comportamento esse muito relacionado ao período de estiagem que vem ocorrendo em todo o Nordeste. A vantagem do período de chuva de 2014 sobre 2013 está relacionada a uma melhora da distribuição temporal, favorecendo assim a produção de algumas culturas temporárias desenvolvidas no Ceará.

A estimativa da produção de grãos para 2014 supera à obtida em 2013, indicando um crescimento de 115,7%. Esse resultado foi influenciado, principalmente, pelo crescimento da produção de milho e feijão, que obteve variação de 162,3% e 96,2%, respectivamente, comparada ao ano de 2013. As culturas de arroz, feijão e milho correspondem em torno de 95% da produção total de grãos do Ceará.

A produção de frutas em 2014 apresentou bons resultados para melão, banana, goiaba e cocolada-baía. Pelo lado da produção animal a perda da produção bovina foi compensada pelo aumento da produção de leite e aves, tornando o resultado da pecuária positivo para o setor agropecuário.

A indústria de transformação cearense voltou a apresentar resultados negativos no quarto trimestre de 2014 fechando com uma redução de 5,4% na produção quando comparado ao mesmo período de 2013, de acordo com o indicador de produção física da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. O resultado intensificou a queda já observada nos períodos anteriores e se constituiu no terceiro período seguido de retração neste tipo de comparação. Os meses de outubro a novembro de 2014 apresentaram o pior desempenho dos últimos dois anos, ficando abaixo dos resultados negativos de 2012.

Além disso, na maior parte do ano de 2014 a indústria cearense manteve o comportamento de sua produção em terreno negativo, registrando retração mês após mês. Não obstante, no último trimestre a indústria local se descolou da trajetória seguida pela indústria nacional tendo esta última apresentado reduções mais intensas na produção em relação a 2013.

O resultado registrado no setor de serviços cearense revelou um crescimento de 8,0% em 2014, inferior ao obtido no mesmo período do ano anterior (expansão de 13,0%). Por outro lado, o desempenho estadual foi superior ao registrado pelo país (6,0%), e superior ao observado nas principais economias do Nordeste, Bahia (7,0%) e Pernambuco (3,9%).

No varejo comum, os resultados do terceiro e quarto trimestres de 2014 das taxas de crescimento observadas ficaram abaixo daquelas registradas em igual período de 2013, confirmando, dessa forma, uma desaceleração no ritmo de vendas no varejo local. Todavia, não foi observada no varejo ampliado nenhuma queda trimestral ao longo do ano de 2014. Este desempenho no varejo ampliado pode ser explicado, em parte, pela base de comparação negativa e por uma nítida recuperação nas vendas do setor de Materiais de construção.

A queda da renda real por conta da alta inflacionária e o menor nível de atividade econômica tem provocado uma dinâmica particular no mercado de trabalho, tanto no país como no Ceará. De fato, em dezembro de 2013 a taxa de participação na RMF era de 56,8% da população acima de 10 anos, aumentando esse índice para 58,2% até dezembro de 2014, o que revela aumento do total de pessoas ocupadas e em busca de emprego.

No mercado formal, a economia cearense registrou um saldo positivo de 12.403 novos empregos com carteira assinada no quarto trimestre de 2014. Esse número foi metade do registrado no terceiro trimestre do mesmo ano e também inferior à criação de novos empregos

no quarto trimestre de 2013, quando foram gerados 16.797 novos postos de trabalho com carteira assinada.

Como dito, esse é um processo decorrente da queda do ritmo de atividade econômica tendo em conta que a redução do ritmo de geração de novos postos de trabalho na economia cearense não é um fenômeno isolado, quando grande parte dos estados apresentou fechamento de vagas no período. Em termos gerais, o país registrou mais que o dobro do fechamento de vagas registrado em igual trimestre do ano passado, passando de -205.471 vagas, no quarto trimestre de 2013 para - 506.851 no mesmo período de 2014.

No âmbito do comércio exterior, o saldo da balança comercial cearense totalizou um déficit de US\$ 1,53 bilhão em 2014, mantendo a trajetória de saldo negativo dos últimos anos. Além disso, com o movimento das exportações e importações, a corrente de comércio exterior do Ceará encerrou o ano de 2014 com o valor de US\$ 4,47 bilhões, com retração de 5,28% frente ao ano de 2013.

No quarto trimestre de 2014, as exportações cearenses atingiram o valor de US\$ 326,06 milhões, com expressiva retração de 37,11% em relação ao mesmo período de 2013. Esse resultado foi influenciado principalmente pela queda de alguns produtos, entre eles: *castanha de caju, têxteis, máquinas, equipamentos e lagosta*. Da mesma forma, o valor das importações apresentou uma queda significativa de 34,15% frente ao mesmo período do ano anterior, totalizando um montante de US\$ 527,32 milhões. Com esse comportamento, o saldo da balança comercial cearense apresentou déficit de US\$ 201,26 milhões no último trimestre do ano.

As receitas estaduais totalizaram R\$ 6.614 milhões, no quarto trimestre de 2014, representando um decréscimo real de 4% em relação ao quarto trimestre de 2013. Entretanto, observando-se o comportamento das receitas acumuladas no ano constata-se um crescimento de 4,4% com relação ao ano anterior, sendo esse resultado influenciado pelo crescimento das receitas do primeiro trimestre, que cresceram, aproximadamente, 8,4%, quando comparadas ao ano anterior.

Essa queda das receitas orçamentárias no último trimestre de 2014 sinaliza para maiores restrições orçamentárias que o estado deverá presenciar no ano de 2015, cujas expectativas

iniciais aponta para queda de receitas na arrecadação federal que, por consequência, deverão afetar os repasses do FPE para os estados.

9. ARTIGO DE OPINÃO³

Mudanças no Perfil Etário da População Cearense e Possíveis Impactos na Força de Trabalho⁴

Cleyber N. de Medeiros – Analista de Políticas Públicas do IPECE

O estado do Ceará vem atravessando um período de importantes mudanças demográficas nas últimas décadas, a exemplo do que vem ocorrendo no país como um todo. Estas mudanças estão relacionadas, sobretudo, à diminuição da taxa de fecundidade, que passou de 3,7 filhos por mulher em 1991 para 2,0 em 2010, assim como ao aumento da esperança de vida ao nascer, que saiu de 61,8 anos em 1991 para 72,6 anos em 2010, contribuindo para o arrefecimento do crescimento populacional e produzindo o gradual envelhecimento da população.

Ressalte-se que esta dinâmica demográfica tem importantes efeitos macroeconômicos, principalmente na redução da oferta de mão de obra, prevista para ocorrer nos próximos decênios.

Vale destacar que o contingente populacional cearense correspondia a cerca de 4,36 milhões de habitantes em 1970, sendo 46% com até 14 anos de idade, 51% entre 15 e 64 anos e apenas 3,5% com mais de 64 anos. Passadas quatro décadas, a estrutura etária da população do estado alterou-se significativamente, alcançando em 2010 os números relativos a 35,9% para os indivíduos de 0 a 14 anos, 66,5% para o grupo etário de 15 a 64 anos de idade e 7,6% (mais que o dobro do observado em 1970) para as pessoas com mais de 64 anos, assinalando um total populacional da ordem de 8,45 milhões de habitantes.

³ As ideias colocadas neste tópico refletem exclusivamente a visão do autor, não sendo, portanto, a posição oficial do IPECE.

⁴ Elaborado com base no artigo “O padrão de crescimento demográfico do estado do Ceará”, disponível no site: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/Desenvolvimento_Economico_do_Ceara_Evidencias_Recentes_e_Reflexoes.pdf.

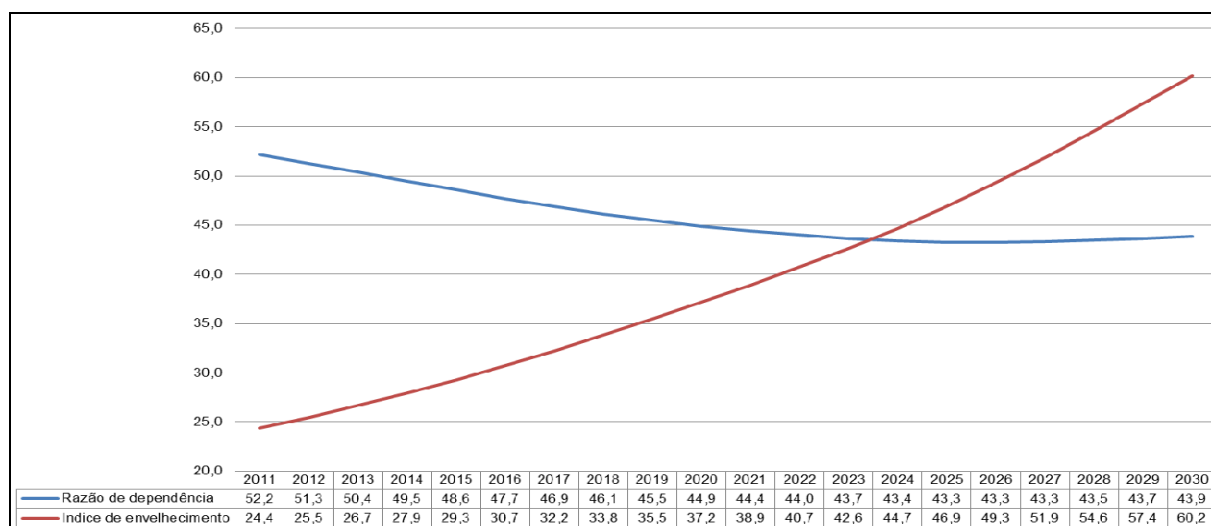
Como um reflexo da alteração da composição da população por faixa etária, verifica-se uma tendência de redução na taxa de dependência, que representa a razão entre a população considerada inativa (0 a 14 anos e 65 anos ou mais de idade) e a população potencialmente ativa (15 a 64 anos de idade). Em 1970, registrou-se uma taxa de dependência de 96,2%, caindo para 50,4% em 2010, representando uma diminuição absoluta de 45,8%.

Neste contexto, surge o conceito de bônus demográfico, que se refere a um período da história demográfica de uma determinada região (País ou Estado) em que a parcela da população ativa é superior à parte da população dependente, aumentando, teoricamente, a quantidade de indivíduos aptos para trabalhar, impulsionando, deste modo, investimentos na área econômica e social.

Não obstante, cita-se que este bônus é transitório, pois com o passar dos anos a queda na taxa de fecundidade e de mortalidade acabam, respectivamente, por arrefecer o crescimento da força de trabalho e elevar a participação da população idosa, provocando assim o aumento da taxa de dependência.

Dessa forma, é importante destacar o gradual processo de envelhecimento populacional previsto para acontecer ao longo dos próximos anos (Gráfico 1), o qual deverá nortear as políticas públicas de diversos setores, como, por exemplo, nas áreas de educação, saúde e previdência pública.

Gráfico 1: Projeção da taxa de dependência (%) e do índice de envelhecimento (%) para o Ceará - 2011/2030



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica.

Analisando-se o Gráfico 1, observa-se uma curva crescente para o índice de envelhecimento (corresponde a razão das pessoas com 65 anos ou mais pela população de 0 e 14 anos), sendo que no ano de 2027 projeta-se uma proporção de idosos (com 65 anos ou mais) superior a metade (51,87%) dos jovens (14 anos ou menos). Enquanto isto, a taxa de dependência diminui a um ritmo acelerado até o ano de 2022, passando a reduzir de forma mais lenta nos anos seguintes e a aumentar a partir do ano de 2027, fruto da significativa quantidade de idosos no total populacional.

Diante dessa perspectiva, espera-se que a concepção de políticas públicas experimente mudanças expressivas por meio de dois fenômenos demográficos: redução da proporção de jovens e o envelhecimento da população.

Por exemplo, é plausível que a demanda atualmente existente por vagas no ensino fundamental seja mitigada em médio prazo, permitindo ao Governo criar medidas inovadoras para aprimorar a qualidade do ensino. Em contrapartida, o envelhecimento da população deve motivar por parte do Estado o planejamento de ações específicas para cuidar dessas pessoas, contemplando, entre outros aspectos, ações relacionadas à melhoria nas condições de saúde, a acessibilidade aos lugares públicos e o financiamento das aposentadorias.

Nesse sentido, enfatiza-se que uma forma de amortecer essa demanda futura sobre o orçamento público pode ser vinculada a investimentos em educação. Acredita-se que melhores condições educacionais refletem não somente no aumento de produtividade, como incitam também ao indivíduo, especialmente os idosos, a continuar por mais tempo no mercado de trabalho.

Por fim, explana-se que um dos grandes desafios ocasionados pela transição demográfica é a redução da oferta de força de trabalho (pessoas entre 15 e 64 anos) e o seu envelhecimento após a etapa de bônus demográfico, uma vez que este segmento populacional é responsável pela maior parte da produção econômica do país.

Neste viés de análise, uma alternativa seria incrementar a participação na força de trabalho dos grupos demográficos referentes aos idosos e as mulheres. A partir do crescimento da esperança de vida ao nascer, conjectura-se a possibilidade de que haja um maior interesse da

população com mais de 64 anos de idade em permanecer no mercado de trabalho desde que sejam criados atrativos financeiros, o que se justifica na medida em que se aproveitaria a experiência de trabalho deste grupo etário.

Em relação à população feminina, evidencia-se que com o arrefecimento da taxa de fecundidade pode-se ter um maior quantitativo de mulheres no mercado de trabalho, devido à circunstância de uma parte deste grupo demográfico não está envolvida em atividades maternas.

Finalmente, vale a pena destacar que ganhos de produtividade podem ocorrer a partir de ações relacionadas a investimentos em inovação tecnológica e educação, ampliando a qualificação profissional dos trabalhadores.